



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**COBERTURA DE TRAGÉDIA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO: O CASO CHAPECOENSE**

**BEATRIZ FERNANDES MEDEIROS DE CASTRO LOPES**

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**COBERTURA DE TRAGÉDIA NO JORNALISMO  
ESPORTIVO: O CASO CHAPECOENSE**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em Jornalismo.

**BEATRIZ FERNANDES MEDEIROS DE CASTRO LOPES**

**Orientador(a): Gabriel Collares Barbosa**

Rio de Janeiro

2023

# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

F864c      Lopes, Beatriz Fernandes Medeiros de Castro  
            Cobertura de tragédia no jornalismo  
            esportivo: o caso Chapecoense -- Rio de  
            Janeiro, 2023.  
            46 f.

            Orientador(a): Gabriel Collares Barbosa  
            Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
            Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola  
            de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023.

            1. chapecoense. 2. cobertura jornalística.  
            3. tragédia. 4. jornalismo. 5. futebol. I.  
            Sobrenome, Nome, orient. II. Collares Barbosa,  
            Gabriel. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Cobertura de Tragédia no Jornalismo Esportivo: O Caso Chapecoense**, elaborado por **Beatriz Fernandes Medeiros de Castro Lopes**.

Aprovado por

---

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa (orientador)

---

Prof. Marcelo Guilhermino Barreto

---

Prof. Ms. Flávio Nehrer

Grau:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Rio de Janeiro

2023

Lopes, Beatriz Fernandes Medeiros de Castro. **Cobertura de Tragédia no Jornalismo Esportivo**. Orientador(a): Gabriel Collares Barbosa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

## RESUMO

O acidente da Chapecoense foi, além do maior desastre envolvendo uma equipe esportiva no Brasil, a maior tragédia envolvendo a imprensa brasileira. Este trabalho tem como objetivo mapear e analisar as notícias veiculadas por portais de notícias online especializados em esporte sobre o acidente aéreo envolvendo a delegação da Chapecoense e jornalistas esportivos, e entender como a imprensa esportiva lida diante de uma tragédia. A metodologia utilizada inclui pesquisa bibliográfica sobre futebol, jornalismo esportivo e jornalismo digital acompanhado de análise da cobertura jornalística realizada durante a semana em que ocorreu a tragédia. Diante das matérias realizadas e publicadas fica evidente que apesar da comoção causada pela tragédia, a cobertura é realizada de forma responsável e séria.

**Palavras-chave:** chapecoense; cobertura jornalística; tragédia; jornalismo; futebol.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Cobertura de tragédia no jornalismo digital</b>	4
2.1. Cobertura de tragédia e o jornalismo digital	5
2.2. Jornalismo esportivo no Brasil	9
<b>3. O acidente da Chapecoense</b>	17
3.1. A ascensão da Chapecoense e a classificação para a final da Sul Americana	18
3.2. O dia do acidente	20
3.3. Uma tragédia anunciada	23
<b>4. A cobertura do acidente da Chapecoense</b>	25
4.1. Cobertura do acidente	26
4.2. Cobertura dos velórios	30
4.3. Repercussão do acidente no mundo	35
4.4. Quando quem noticia também vira notícia	42
<b>5. Considerações finais</b>	46
<b>6. Referências bibliográficas</b>	48

## 1. Introdução

Amigos, há um momento, na  
vida dos povos, em que o país  
tem de ser anunciado,  
promovido e profetizado.  
Nelson Rodrigues<sup>1</sup>

Nelson Rodrigues em sua crônica “A Piada Imortal” disse que o futebol revelou o Brasil não só para o mundo como também para os próprios brasileiros, e que foi a partir de 1958 que “o Brasil começou a aparecer aos nossos olhos”. Foi ele também que inventou o termo que ainda é muito conhecido para descrever o brasileiro, o “complexo de vira-latas”. Essa teoria que expressa o nosso pensamento de inferioridade principalmente diante de países europeus, hoje é utilizada para muito além do futebol. Porém, ela foi pensada no nosso pessimismo para a Copa do Mundo de 1958, em que achávamos que não existia chances de classificação e muito menos de vitória, pois os brasileiros ainda carregavam a derrota para o Uruguai na primeira Copa do Mundo sediada no Brasil em 1950.

Em sua crônica “Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética” para a Revista Manchete, Nelson Rodrigues, que se descreve como um brasileiro de um patriotismo inatural e agressivo, diz que “temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’”. Para ele, o motivo da derrota não foi a inferioridade técnica nem tática, já que, segundo ele, nós éramos melhores e tínhamos a vantagem, a verdadeira culpada era a nossa incapacidade de ter fé em nós mesmos.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (RODRIGUES, 1994, p. 62)

Além das crônicas esportivas em que relatava jogos de futebol com tom épico, mesmo que na realidade tenha sido um jogo completamente comum, Nelson utilizou do futebol para explicar o Brasil e o brasileiro; em suas crônicas, ele passeia por diversos traços da nossa história e características, entendendo que o nosso futebol é melhor, por causa do nosso povo, essa figura descrita por ele como complexa, rica e potencializada.

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nelson. **A Pátria em chuteiras**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica. (RODRIGUES, 1994, p. 24)

Nesse Brasil descrito por Nelson em tantas de suas crônicas, esse Brasil que é melhor por causa do futebol, que tem em seus heróis seus atletas e treinadores, que respira futebol diariamente, que tem as vitórias e derrotas, alegria e frustração como parte do conteúdo jornalístico, não só nos dedicados exclusivamente ao esporte, mas que também tem na maioria dos jornais diários (impressos, digitais ou televisivos) uma parte dedicada ao esporte. Porém, em novembro de 2016 o torcedor conheceu pela primeira vez um tipo de tristeza que não faz parte do futebol. Naquele dia, não importava o seu time do coração, todo mundo chorou como um torcedor da Chapecoense.

O time que encantava o país há dois anos, ia em busca do seu primeiro título internacional depois de campanhas impressionantes nos campeonatos estaduais e nacionais. A final da Copa Sul-Americana, que aconteceria em dezembro daquele ano, e o possível primeiro título continental, poderia dar ao clube um novo futuro no futebol, nunca chegou a acontecer.

Na madrugada do dia 28 de novembro o avião que levava a equipe da Associação Chapecoense de Futebol decolou com destino a Colômbia, porém, já próximo ao Aeroporto José María Córdova, em Rionegro, o piloto Miguel Quiroga relatou à torre de controle falhas elétricas graves na aeronave. Entretanto, um outro avião já havia declarado vazamento de combustível, atrasando o pouso do avião da LaMia. A próxima oportunidade de pouso só aconteceria em 7 minutos. Porém, o pouso não chegou a acontecer, o voo LaMia CP-2933 caiu deixando 71 mortos e 6 sobreviventes.

O motivo da queda, segundo o relatório final da CPI da Chapecoense (iniciado em 2019 e finalizado em julho de 2022), foi negligência das duas partes (empresa aérea e direção do clube de futebol) que assinaram o contrato de transporte aéreo. O plano de voo da companhia aérea com uma quantidade de combustível limitada e a tomada de decisões inadequada da administração da companhia exploradora da aeronave e da tripulação combinadas com a negligência da Chape, que em busca de economizar contratou a LaMia para a realização da viagem. Além das duas partes, o relatório final ainda aponta mais quatro empresas responsáveis pela tragédia: Bisa Seguros, Tokio Marine Kiln Limited, Aon UK e Grupo Estratégica (antiga Aon Bolívia).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é fundamentada na análise de notícias sobre a trajetória da Chapecoense, da sua criação à sua ascensão no cenário nacional e internacional, e sobre a tragédia, ocorrida em 2016, em portais especializados em esporte nacionais e internacionais e de tweets de autoridades, contas oficiais da Chapecoense e de outros clubes e jogadores de futebol.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. O segundo capítulo aborda temas como a “Tragédia como acontecimento e a sua definição” por José Rebelo, assim como a sua “cobertura e dificuldades” por Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011) e Márcia Franz Amaral (2011), também “A criação do jornalismo digital e suas rupturas e continuidades” por Palacios (2003) e o “Surgimento e evolução do jornalismo esportivo no Brasil” baseado nos livros Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil de André Ribeiro (2007) e Jornalismo esportivo: os craques da emoção Paulo Vinícius Coelho (2003).

No terceiro capítulo é narrada a trajetória da Associação Chapecoense de Futebol desde a sua criação, utilizando para a pesquisa o site oficial do clube, sua ascensão no cenário do futebol nacional e sul-americano, até a tragédia que marcou a sua história para sempre. Para esse capítulo, é utilizado o documento oficial da CPI da Chapecoense e também as matérias dos jornais esportivos da época.

O quarto capítulo é a base desse estudo, momento no qual é feita a análise da cobertura da tragédia envolvendo a Chapecoense feita pelos portais de jornalismo esportivo. É abordado não apenas a cobertura do dia da tragédia, mas também a cobertura dos velórios, a repercussão do acidente no mundo e também a cobertura da pior tragédia envolvendo jornalistas brasileiros. Para esse capítulo foram utilizadas notícias de sites esportivos do Brasil e do mundo na semana da tragédia, do dia 29 de novembro ao dia 04 de dezembro de 2016, No quinto capítulo são feitas as considerações finais.

## 2. Cobertura de tragédia no jornalismo digital

O gênero trágico nasceu na Grécia Antiga do culto ao deus Dionísio. Nesses cultos, os participantes bebiam do vinho Dionisíaco, dançavam até chegar a um estado de êxtase e apresentavam as peças que eram chamadas de tragédia. Durante essas peças os personagens passam por conflitos em que a solução recai sobre os valores da democracia. O papel da tragédia na sociedade era discutir as questões fundamentais da vida grega e educar os cidadãos para debates e experiências da democracia, confrontando valores heróicos. O significado de tragédia mudou através dos séculos e hoje o que entendemos como tragédia são acontecimentos que têm teor fúnebre, normalmente causados pela perda de uma ou mais pessoas em um evento inesperado.

A vivência dos homens é marcada pelo desejo ardente de liberdade e pela busca intensa do sentido da vida. Estamos suscetíveis à fatalidade, vulneráveis ao que nos provoca dor e sofrimento. O trágico desperta o sentimento de impotência sofrida; somos indivíduos impotentes para alterar um destino trágico, nada sabemos por antecipação. (ROCHA, 2017, p. 20)

O indivíduo ou grupo que passou pela dor e impotência causadas pela tragédia procuram um sentido para esse sentimento e para a ruptura da normalidade consequentes dela, quem pode recuperar esse sentido são as narrativas construídas sobre o acontecimento. Elas podem ser midiáticas ou não, pois, segundo José Rebelo, os acontecimentos não são reduzidos à produção midiática, visto que que, para ele “pretender que um acontecimento existe apenas em função da sua mediação é ignorar o cruzamento das mais elementares dinâmicas sociais”. Ou seja, mesmo uma aldeia que nunca foi mencionada por nenhum meio de comunicação produziu acontecimentos.

Porém esse capítulo será focado em como são construídas as narrativas jornalísticas sobre tragédias pelos meios de comunicação, especialmente no jornalismo digital e por sites que tem seu conteúdo especializado em esportes. Será falado também sobre a história do jornalismo esportivo no Brasil, desde a sua criação com a chegada de Charles Miller, os primeiros jogos de futebol no país, a briga pelos direitos das partidas pelos canais televisivos, até o panorama que temos hoje de canais exclusivos sobre esportes, portais esportivos e os jornalistas independentes.

## 2.1. Cobertura de tragédia e o jornalismo digital

Em seu texto “Os acontecimentos mediáticos como actos de palavra” José Rebelo discorre sobre como o evento não é apenas uma construção midiática apesar de elas serem capazes de reduzir a descontinuidade implicada pelo acontecimento. Ele define que uma ocorrência pode virar um acontecimento dependendo do seu potencial de atualidade, quando ela ocorre em nosso espaço e tempo; relevância, quando ela, em suas palavras, "provoca uma ruptura no nosso quadro de vida" e pregnância, quando ela nos estimula a reconstruir esse quadro de vida que foi perturbado pelo acontecimento. Segundo o sociólogo Louis Quéré (apud REBELO, 2006, p. 2), esses acontecimentos geram um corte na ordem natural das coisas.

Esta descontinuidade surpreende e afecta a continuidade da experiência porque a domina. Por isso, fazemos tudo quanto está ao nosso alcance para reduzir as descontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos: reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitiram ao acontecimento produzir-se com as particularidades que apresenta; restauramos a continuidade no momento em que a ruptura se manifestou (QUÉRÉ, 2005, apud REBELO, 2006, p.1)

Diante dessa ruptura, o sujeito ou grupo afetado pelo ocorrido, procuram um sentido em busca de controle, que eles encontram nas narrativas, midiáticas ou não, construídas sobre o acontecimento para então restaurar a normalidade. Em seu artigo, Rebelo cita como exemplo o 11 de setembro, que em um primeiro momento, quando o primeiro avião colide com World Trade, o ocorrido foi lido como um acidente, que não tinha uma explicação, apenas o choque. Porém, quando a segunda aeronave atinge a segunda torre do prédio, a hipótese de acidente é excluída, e a explicação estava clara, era um ato de terrorismo. O evento então passa do possível imprevisível ao possível previsível como J. Rebelo explicita citando Jocelyne Arquembourg-Moreau (2003). O roteiro estava escrito, “designam-se os autores. Enunciam-se os meios. Denunciam-se os objectivos”.

Ainda em seu texto, José Rebelo elucida a tripla projeção do tempo feita pelo jornalista, conceito explicado por Alain Flageul no texto *Dossiers de l’Audiovisuel*, para ele a narrativa jornalística não é apenas do presente, descrevendo o fato ocorrido, o jornalista busca entender o que aconteceu antes, ou seja, as causas, e também o futuro, as consequências surgidas pelo ocorrido. Dessa forma, o presente é construído do contexto do passado e futuro, ou seja, “Dessa dualidade temporal resulta que o acontecimento seja, simultaneamente, explicável e explicativo” (REBELO, 2006, p. 5).

Pensando então na busca por controle pelas narrativas, especificamente as narrativas midiáticas, podemos discutir sobre a cobertura jornalística e o papel do profissional de jornalismo durante a cobertura de acontecimentos. Primeiramente sobre a cobertura jornalística, em seu artigo “Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico”, Gislene Silva e Flávia Dourado Maia, expressam que devemos problematizar as técnicas e métodos de investigação utilizados pelos profissionais da imprensa, pois há inconsistências entre a metodologia pretendida e aplicada, e também a carência de “metodologias próprias, que permitam estudar o jornalismo como objeto científico particular”, o que dificulta a criação e estabelecimento de uma metodologia para o estudo do jornalismo e também na repetição de fórmulas metodológicas sem adaptá-las. A criação de um protocolo para o desenvolvimento de coberturas jornalísticas é importante para mapear “lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações”, parte fundamental do jornalismo, consultar fontes, a verificação das informações e o desenvolvimento de textos claros.

Em coberturas de tragédias, ao contrário de matérias sobre temas corriqueiros, as fontes principais não são experts sobre o assunto, e sim as vítimas. Em seu artigo “Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais”, Márcia Franz Amaral explicita que “o objetivo primeiro do testemunho é afirmar a realidade” (AMARAL, 2011, p.10), e o testemunho das vítimas é da ordem da veracidade, elas têm a necessidade de narrar o ocorrido. Reconstruir a catástrofe é papel do jornalista, a vítima a relata do seu ponto de vista.

Quem pode testemunhar é, em primeiro lugar, quem sobreviveu ao trágico acontecimento. Em segundo lugar, é alguém que sofreu a experiência. Em terceiro lugar, é alguém a quem o jornalista avaliou que deveria dar a palavra, ou seja, quem tem a história mais interessante para contar. (AMARAL, 2011, p.10)

Algumas críticas realizadas sobre as coberturas de tragédia, segundo o artigo “A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia” escrito por Iluska Coutinho e Jhonatan Mata estão na falta de sensibilidade e a redundância das perguntas realizadas pelos jornalistas e também na edição das matérias, que podem gerar um tom sensacionalista a catástrofe, esse tipo de comportamento normalmente visa aumentar a audiência.

Agora, sobre o papel do jornalista durante a cobertura de acontecimentos, especificamente tragédias, além dos passos fundamentais para a prática jornalística, como elucidado anteriormente, consultar fontes, verificar informações e escrever textos completos e claros para o público. O jornalista que está diante de uma tragédia tem seu trabalho

dificultado, e diferente de todos os outros indivíduos afetados direta e indiretamente pelo evento, apesar de estar presente e precisar relatar não só o ocorrido, como entrevistar as vítimas, seus parentes e as autoridades, é esperado que ele faça isso com certo distanciamento e sem envolvimento emocional.

O repórter ocuparia o lugar de um outro, distinto do cidadão comum; narrador dos dramas sociais ele não deveria, de acordo com as expectativas para ele construídas pelo público e mesmo pelos manuais, envolver-se com aspectos emocionais do fato ou situação a ser noticiada. Esse (tele)jornalista, quase arquetípico, posiciona-se confortavelmente em um ideal de jornalismo como construção eminentemente racional, e objetiva. (COUTINHO; MATA, 2013, p. 382)

Essas ressalvas e expectativas sobre as coberturas e os jornalistas são normalmente evidenciadas por pessoas que não fazem parte da imprensa, eles esperam que o trabalho seja feito isento de sentimentos. Segundo Amaral (2011), o modo que o jornalista se envolve emocionalmente durante a cobertura de eventos traumáticos é diferente de como ele se envolve em temas rotineiros. Para a jornalista, “a situação é tão dramática, que presenciar os momentos pós-tragédia é suficiente para ser testemunha do acontecimento traumático”. Por isso, apesar de não ter experienciado o trauma, a narração do jornalista tem um teor testemunhal, visto que ele muitas vezes chega no local enquanto está acontecendo a tragédia ou logo depois. Dessa forma, seu relato muitas vezes mistura o testemunho das vítimas com o seu próprio.

Apesar de o texto de Gislene Silva e Flávia Dourado Maia focar na cobertura jornalística feita em textos impressos e o artigo de Iluska Coutinho e Jhonatan Mata em canais televisivos, no presente trabalho vamos discorrer sobre o jornalismo digital, mais especificamente sobre os portais exclusivamente dedicados a esportes. As Tecnologias de Informação e Comunicação, TICs, (STEVENSON, 1997), alteraram a forma de realizar diversas profissões no século XXI, com o jornalismo não seria diferente, o mercado de trabalho para profissionais da imprensa passou a exigir conhecimento dessas tecnologias. Além da visão multidisciplinar, o jornalista precisava ter noções comerciais e de marketing.

Se o jornalista, embora preparado academicamente para atuar em qualquer mídia, normalmente procurava se especializar naquela em que estava comprometido profissionalmente, hoje precisa desenvolver competências e se dedicar a todas as linguagens midiáticas, além de conhecimentos suficientes no ambiente digital, pois ele, muitas vezes, após o processo jornalístico de investigação e produção, deverá editar, publicar e distribuir. (JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p.7)

No artigo, “Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória” Palacios (2003) separou o webjornalismo em seis características gerais oferecidas pela internet ao jornalismo, são elas: Multimídia/Convergência, se refere a convergência dos formatos midiáticos (texto, imagem e som) para a matéria, ela apenas é possível por digitalização e circulação da informação em plataformas digitais; Interatividade, conceito criado por Baroel e Deuze (2000), diz respeito a maior interação entre o leitor e o jornalista através de chats e troca de e-mails; Hipertextualidade, é possível pela interligação entre textos a partir dos links nas matérias que podem trazer textos complementares sobre o mesmo tema; Customização do Conteúdo/Personalização, é a opção dada ao usuário de customizar os sites jornalísticos de acordo com os seus interesses; Memória, diz respeito a quantidade de informação que pode ser acumulada na internet; Instantaneidade/Atualização Contínua, é a rapidez de produção e divulgação de notícias permitida pela web, o que possibilita um acompanhamento contínuo de informações de maior interesse do público.

Ainda em seu artigo, Palacios afirma que há continuidades e rupturas entre o jornalismo tradicional e o jornalismo para a web. Por exemplo, a Multimídia, apesar de ser potencializada no jornal online, é uma continuidade do que já vimos ser feito na televisão. Assim como a personificação, que também é mais evidente na web, mas é muito utilizado nos jornais por meio dos cadernos (infantil, esportivo, cultural, feminino, etc). Porém, rupturas significativas também ocorreram, sendo a principal delas o limite de espaço e tempo disponível para os jornalistas. Na internet, existe um espaço virtual ilimitado para a quantidade de informação que pode ser realizada, associada, recuperada e colocada a disposição para os leitores. Outra grande ruptura é na Memória, ela existe nos jornais tradicionais através dos arquivos da empresa, porém pela primeira vez, ela é múltipla, instantânea e cumulativa.

Memória Múltipla e Cumulativa, chamamos atenção para o fato de que, através da Convergência de formatos, a Memória na Web tende a ser um agregado não só da produção jornalística que vem ocorrendo online, mas, gradualmente, de toda a produção jornalística importante, acumulada em todos os tipos de suportes, desde épocas muito anteriores à existência da Web e dos próprios computadores. (PALACIOS, 2003, p. 10)

A forma de escrever notícias também mudou, além do tradicional texto, gráfico e foto, as notícias para as plataformas digitais também podem conter vídeos, áudios e animações. Até a base na notícia do impresso, o texto, não é definitivo nos portais, quando um fato novo é

exposto, o jornalista pode atualizar sua própria notícia, sem precisar escrever uma nova matéria.

Os repórteres de mídias impressas, por exemplo, privilegiam a informação; os de TV buscam cenas emocionantes, sons e imagens para serem transmitidos junto com o texto da notícia. Já os jornalistas on-line precisam sempre pensar em elementos diferentes e em como eles podem ser complementados. Isto é, procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos e assim por diante. (FERRARI, 2010, p.52)

Porém, não foi apenas o profissional que passou por mudanças, o público também. O público on-line é mais ativo, pois os sites oferecem um campo de comentários, e ele também pode procurar em outros sites, pontos de vista diferentes, visto que, ele não precisa mais pagar pela cópia do jornal. Embora a forma de escrever possa mudar do veículo impresso, o lead ainda é parte fundamental e que não pode ser esquecida, pois com a rapidez da internet, o leitor pode trocar de aba mais facilmente, então é preciso que seja dito o mais rápido possível sobre o que a matéria se trata.

## **2.2. O jornalismo esportivo no Brasil**

O jornalismo esportivo já existia no Brasil antes da prática do futebol em nosso país uma vez que notícias sobre esportes como turfe e remo eram publicadas pela imprensa. Porém, o jornalismo esportivo especializado em futebol, assim como o futebol brasileiro, nasceu em São Paulo. O esporte chegou no país em 1894, trazido por Charles Miller, paulista que aos 10 anos foi enviado a Inglaterra para estudar, voltou para o país para trabalhar na São Paulo Railway e ao se ver em uma cidade que não praticava o seu esporte favorito começou a organizar treinos na empresa em que trabalhava e partidas contra equipes de empresas vizinhas.

Miller obteve tanto sucesso que, cinco anos depois da sua volta ao país, a cidade de São Paulo já tinha cinco equipes formadas, e por causa da pequena quantidade de times, logo foi formada uma “panelinha”. Foi nessa época então que Miller conheceu Mário Cardim, na época o jornalista apaixonado por futebol trabalhava no jornal O Estado de São Paulo e cobria essas partidas com o entusiasmo de um fã do desporto. Esse tipo de cobertura foi a primeira versão do jornalismo esportivo que tivemos no Brasil, a crônica. Na época eram descrições minuciosas das partidas, que costumavam ter dezenas de parágrafos, e cheias de parcialidades pelos times pertencentes a “panelinha” de Miller. Como diz a passagem do livro Os Donos do Espetáculo de André Ribeiro:

Em jogo contra os nobres do colégio Mackenzie, que estavam nas últimas colocações do certame, a vitória do clube dos italianos, líder da competição, foi novamente ignorada. O destaque nas matérias era a discreta atuação dos garotos do Mackenzie. (RIBEIRO, 2007, p. 46)

Esse trecho aponta não apenas ao favoritismo das equipes formadas por atletas ricos, que eram a regra no início da prática do esporte no Brasil, mas também ao preconceito com os italianos, que formavam uma colônia em São Paulo. Criado pela alta sociedade de São Paulo, o futebol não tinha planos de ser praticado por outras classes sociais, algumas das regras do esporte eram: os jogadores deveriam ser amadores; sócios do clube inscrito na Liga e residir na jurisdição dele; ter profissão honesta; saber ler e escrever, e outras regras que excluía a maior parte da população brasileira da época. O amadorismo e a exclusividade eram os princípios do futebol, e foram carregados por boa parte de sua incipiente existência.

Na capital do país o futebol começou a crescer apenas em 1904 com o surgimento do América Football Club, Bangu Athletic Club e Botafogo Football Club, antes disso a cidade do Rio de Janeiro só contava com jogos do Fluminense. Enquanto isso, em São Paulo já existiam cerca de 70 equipes. Nessa época, os jornalistas que cobriam o futebol não entrevistavam ninguém e nem sequer saíam das redações. Essa realidade só começou a mudar em 1919, na partida entre o Paulistano e Corinthians quando foram instalados dois bancos à beira do gramado para os cronistas esportivos.

Esse amadorismo era prejudicial tanto para o estabelecimento do futebol e do jogador de futebol como profissão, quanto para o jornalismo esportivo que ocupava cada vez mais espaço nos grandes jornais. Um grande combatente do amadorismo no Rio de Janeiro foi o jornalista Max Valentim, ele criticava a política esportiva da época e criou uma nova linguagem para os cronistas, ele pôs fim às enormes descrições sobre os lances e começou a fazer notas objetivas sobre as partidas, os times e os jogadores.

Os jornais e revistas especializados em futebol não paravam de surgir no país: O Rio Esportivo, A Estampa Esportiva, A Gazeta Esportiva eram só alguns dos muitos periódicos que surgiam e morriam no país que começava a se tornar do futebol. Os concorrentes e maiores donos de meios de comunicação, Chatô e Roberto Marinho, não deixavam de incluir o esporte em seus jornais. Uma pesquisa realizada na época constatou que a imprensa esportiva foi a que mais se desenvolveu desde 1912, crescendo 1060%. Esse resultado expressivo foi o que Argemiro Bulcão precisava para criar o Jornal dos Sports, o primeiro

periódico diário dedicado ao futebol, onde trabalharia o mais importante jornalista esportivo do Brasil, Mário Filho.

Porém, foi no Correio da Manhã que Mário Filho surgiu, ele comandava a seção de esporte do periódico e realizou mudanças que impactaram para sempre a forma de fazer jornalismo. Ele acabou com a formalidade nas crônicas e entrevistas, seu objetivo era aproximar a linguagem dos jornais à linguagem do público dos estádios, foi sob seu comando também que as fotos que ilustravam as colunas saíram de atletas engravatados para jogadores em ação. Já no Jornal dos Sports, a escrita de Mário Filho conseguiu unir o povo e os intelectuais, o jornalista era torcedor de arquibancada, mas também frequentava rodas de pensadores, suas crônicas tinham sempre tom dramático, até as jogadas mais simples eram narradas como fenomenais, os jogadores também começaram a ser endeusados pelo jornalista, mas não foi apenas a linguagem que foi alterada, Mário Filho também mudou a forma, seus textos ganharam títulos, subtítulos e legendas.

Seu irmão, Nelson Rodrigues, também marcou a história do jornalismo esportivo. Ele se utilizou de um gênero já existente para falar sobre futebol, a crônica. Apesar de ter sido muito utilizada para exaltar de forma tendenciosa certos clubes, a crônica esportiva consolidada pelo grande jornalista Nelson Rodrigues, tinha outro objetivo, Nelson transformou a realidade em fantasia e fez de jogadores de futebol, de carne e osso, deuses. Parte dos seus “erros” e exageros eram por conta de sua miopia, e por isso, quando ele não conseguia explicar exatamente o que havia acontecido em campo, criava uma cena fantasiosa, que era muitas vezes mais interessante que a realidade.

É impossível ler Nelson Rodrigues sem se dar conta da imprecisão de seus relatos de jogos. É só olhar, por exemplo, a maneira como descreve o terceiro gol do Brasil no Mundial do Chile, em 1962. “Djalma Santos pôs a bola na área e Vavá, com seu peito de aço, meteu a cabeça nela, fazendo 3x1”. A descrição correta deveria incluir a falha do goleiro Schroiff, e contar que, de fato, Vavá meteu o pé direito na bola, não a cabeça. (COELHO, 2003, p. 61)

Um grande invento do século XX mudaria completamente o modo de fazer jornalismo no Brasil e no mundo, e é claro que o jornalismo esportivo também foi afetado. Esse novo meio de comunicação que chegava ao Brasil tinha suas especificidades, sem o atributo da imagem o radialista Nicolau Tuma narrava os jogos com muitos detalhes e rapidez, tentando criar na mente de seus ouvintes o exato cenário do que acontecia ao vivo. E foi assim que ele

narrou o primeiro jogo transmitido na íntegra no Brasil, a partida entre São Paulo e Paraná pelo Campeonato Brasileiro.

Eu nunca gritei aquele gol esticado, demorado. Sempre achei que o ouvinte queria saber logo quem tinha marcado, o nome do jogador, como ele estava comemorando. Durante todo o jogo, a minha única preocupação era não parar de falar. Eu achava que se o ouvinte ficasse um segundo sequer sem ouvir nada, mudaria de estação. Então, não parava. (RIBEIRO, 2007, p. 76)

Eram faladas cerca de trezentas palavras por minuto na mesma velocidade, mas apesar do grito de gol ter mudado, a narração do rádio ainda tem muito do que era feito há quase um século, essa forma rápida de narrar as partidas ainda é uma forte característica das transmissões realizadas por esse meio de comunicação.

Com a popularidade do esporte cada vez maior no país, a discussão sobre a profissionalização dos clubes e jogadores voltou à tona, e desta vez apoiada pelo jornalista Mário Filho que via nessa profissionalização uma oportunidade de um futuro novo para o jornalismo esportivo que ainda era visto como um “jornalismo de segunda categoria”. Para essa profissionalização acontecer era preciso acabar com a relação entre jornalista e jogador, ou jornalista e clube que gerava privilégios para algumas rádios em detrimento de outras. Essa relação era tão intrínseca ao futebol que o narrador flamenguista Ari Barroso da rádio Tupi conseguiu um avião emprestado com o seu chefe Chateaubriand para trazer o jogador Modesto Bria para o Brasil.

Um grande passo para a equidade entre as emissoras foi a criação do primeiro grande estádio do Brasil, o Pacaembu, neste novo estádio as cabines de imprensa eram abertas para que todas as rádios pudessem fazer suas transmissões, acabando com a exclusividade. E para acompanhar esse primeiro passo, foi fundada em São Paulo a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP), e no Rio de Janeiro a Associação dos Cronistas Desportivos (ACD) e o Departamento de Imprensa Esportiva (DIE). Para funcionar, a ACEESP recebeu dos dirigentes do futebol paulista 0,0025% do total arrecadado no Torneio Início.

O crescimento das rádios e a profissionalização delas gerou uma grande concorrência, e para conseguir anunciantes e ouvintes, os narradores criavam apelidos, jingles e símbolos para os times e rivalidades. A Rádio Panamericana, para se sobressair, fechou a primeira equipe para cobrir todos os esportes e competições nacionais e internacionais. Essa invenção custou muito a emissora, porém eles queriam os melhores narradores, repórteres, comentaristas e até técnicos de som.

Pela primeira vez na história do rádio esportivo brasileiro formava-se uma equipe, ou melhor, um time de craques responsáveis por segurar um dia inteiro, sete dias por semana, um ano de programação esportiva. (...) Até mesmo um comentarista de arbitragem era escalado nas transmissões. (RIBEIRO, 2007, p. 113)

Essa busca pelos melhores jornalistas, equipe e voz para as narrações custavam muito dinheiro para as emissoras. Na época, os jornalistas esportivos ganharam status de ídolos e tinham muito prestígio e influência. Quem soube usar essa influência foi Mário Filho, que além de fazer campanha para que o Brasil se candidatasse para sediar a Copa do Mundo de 1950, também realizou uma pesquisa que objetivava saber se o brasileiro era a favor da construção de um estádio no Rio de Janeiro para a realização do evento. O resultado de 79% a favor da obra mostrou a vontade que o carioca tinha de um estádio que comportasse o maior evento esportivo do mundo.

O final trágico dessa Copa não é lembrado só pelos quase mil jornalistas que estavam presentes no estádio. Porém, apesar da tragédia que ocorreu no Maracanã, a mídia esportiva nunca havia lucrado como no período, a Copa do Mundo permitiu que o jornalismo esportivo brasileiro crescesse em uma velocidade avassaladora, e para auxiliar essa expansão, surgia um novo meio de comunicação, a televisão, e ainda naquele ano aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol, cerca de duzentas pessoas assistiram o jogo entre Palmeiras e Santos realizado no Pacaembu.

Com o crescimento da televisão e os seus salários inegavelmente maiores, os jornalistas começaram a dividir a jornada de trabalho entre pelo menos dois meios de comunicação. Para os profissionais da imprensa esportiva, a televisão era uma grande oportunidade de fazer mais dinheiro na profissão, porém, a porta de entrada ainda era o rádio e o jornal impresso. A novidade recebia investimentos milionários de empresários, e apesar da infra-estrutura precária, as emissoras transmitiam jogos na íntegra. Durante a década de 1950, o trabalho de transmissão que depois começou a ser realizado por uma equipe, era feito por um único jornalista, como diz Luiz Guimarães, um dos primeiros contratados da TV Paulista para André Ribeiro:

Eu tinha de fazer também a locução das partidas de futebol. Fazia a abertura do jogo com narração de estúdio, corria para o estádio do Pacaembu para transmitir a partida em externa, depois corria novamente para o estúdio para fazer a finalização das próximas atrações. (RIBEIRO, 2007, p. 142-143)

Assim como aconteceu com os jornais e o rádio, a concorrência entre as emissoras de televisão crescia rapidamente, mas o investimento e estrutura fazia as com maior poder sobressair, foi assim que a TV Tupi de São Paulo conseguiu fazer a primeira transmissão intermunicipal em 18 de dezembro de 1955, uma partida entre Santos e Palmeiras na Vila Belmiro. Embora, a televisão tenha atraído o investimento de grandes empresários e captado alguns dos maiores jornalistas da época, o rádio ainda era o maior veículo de comunicação nos anos 1950, com aproximadamente 477 emissoras e meio milhão de aparelhos receptores, porém, o futebol seria o principal responsável para a mudança desse cenário, após a partida vitoriosa entre Brasil e Itália, transmitida direto do estádio do Maracanã.

O aparecimento do jogador que permanece até hoje como o maior jogador de futebol do Mundo, Edson Arantes do Nascimento, ajudaria a mudar o rumo e os cofres da imprensa esportiva. A conquista da Copa do Mundo em 1958, a primeira das cinco que estavam por vir, concedeu o maior lucro da história do jornalismo esportivo até o momento. Apenas um jornal, A Gazeta Esportiva, chegou a vender quase 400 mil exemplares no dia seguinte ao título. Após o triunfo, grandes autores escreveram sobre a paixão nacional, nomes como Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

A nova queridinha do brasileiro, a televisão, começaria a enfrentar as primeiras barreiras logo após a grande conquista do título mundial. O motivo era simples, os clubes acreditavam que as transmissões completas pelas emissoras acarretaria em um esvaziamento dos estádios, a disputa durou dois meses, mas a televisão acabou vencedora. Isso voltaria a ser polêmica em 1977, porém ao invés de pedir a proibição da transmissão das partidas, os times começaram a negociá-las com as emissoras. O clube via nesse negócio uma nova forma de engordar os seus cofres.

A televisão já incomodava o maior meio de comunicação da época, o rádio, e enquanto ele começava a perder audiência e investimento, a televisão estava cheia de novos profissionais experimentando diferentes formatos. Foi de um programa político que Luiz Mendes teve a ideia que revolucionou a forma de fazer jornalismo esportivo e é até hoje o formato mais utilizado nesse tipo de programa. A Grande Resenha Facit, a primeira mesa redonda esportiva, ficou no ar na TV Rio entre 1963 e 1969, e contava com nomes de peso como Armando Nogueira, João Saldanha, José Maria Scassa, Vitorino Vieira e Nelson Rodrigues, cada um representava um grande time do Rio de Janeiro e discutiam sobre as partidas da rodada e assuntos relevantes ao futebol. Esse formato da Grande Revista Esportiva Facit, como ficou conhecido o programa quando foi transferido para a TV Globo, foi

precursor de programas como o Redação e o Tá na Área, do Sportv, o Bate Bola e Linha de Passe, da ESPN e diversos outros.

A mesa redonda foi apenas uma das apostas do jornalismo esportivo da época, porém, algumas não tiveram o mesmo sucesso. Nos anos 1970, na Rádio Mulher, foi montada a primeira equipe inteiramente feminina para falar sobre esportes. Apesar da ideia revolucionária, o programa não durou muito tempo, o preconceito não só do público como dos próprios colegas de trabalho fez com que a iniciativa da rádio ficasse insustentável e que a maioria das mulheres que fizeram parte daquela equipe desistisse da profissão. Zuleide, narradora da Rádio Mulher deixou claro em entrevista para André Ribeiro esse preconceito, “Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local conosco”.

O esporte e os profissionais que se dedicam a sua cobertura andam lado a lado nos altos e baixos. Assim como os jogadores que só conseguiram a regulamentação oficial da profissão em 1976, os jornalistas esportivos, apesar de todo avanço na profissão, só tiveram a primeira entidade nacional, a Associação Brasileira dos Cronistas Esportivos, criada em 1974. Porém, não foi só nos pontos positivos que os dois andavam juntos, polêmicas de corrupção assombraram os dois durante muito tempo. No futebol, árbitros estavam sendo acusados de vender resultados para os clubes, já no jornalismo, Juca Kfoury, dedicou boa parte de suas reportagens na maior revista de esportes na época, A Placar, para acusar jornalistas que estariam envolvidos em negociações de compra e venda de jogadores.

O hiato de títulos mundiais de 1970 a 1994 também foi um momento difícil para o jornalismo esportivo, revistas e periódicos precisaram diminuir sua periodicidade e até fechar as portas. A seleção também estava desacreditada, e a relação entre jornalista e jogadores ficava cada vez mais difícil, alguns jogadores não davam mais entrevistas e os jornalistas eram vistos como traíras, depois do título de 1994, em um evento em comemoração a conquista, o cartola Ricardo Teixeira disse “Ganhamos, apesar das críticas da imprensa de São Paulo”.

A TV Globo durante a década de 1990 mostrou para as outras emissoras que para chegar ao mesmo patamar, os investimentos deveriam ser muito maiores. Nessa época os canais por assinatura, chegaram ao Brasil, e a Globo não poderia ficar de fora dessa, foi criada então a Globosat, e o primeiro canal por assinatura inteiramente dedicado ao futebol, o SporTV.

Toda vez que um novo meio de comunicação foi apresentado à sociedade o jornalismo esportivo foi diretamente afetado, com a internet não seria diferente. Ainda no princípio dela, os donos dos maiores periódicos esportivos começaram a publicar as reportagens que saíam nas revistas em seus websites, o mais famoso da época era o Lancenet, domínio do maior jornal esportivo da época, o Lance!.

Não era difícil entender a explosão de sites como o Lancenet. Gastava-se pouco dinheiro. As matérias chegavam da rua. Toda reportagem escrita para o jornal ia diretamente para o site [...] Duas ou três pessoas se revezavam na coleta de informações. Escreviam dois, três parágrafos e pronto: estava feita uma nota para o Lancenet. (COELHO, 2003, p. 61)

Hoje, o jornalismo esportivo praticado na internet é muito mais do que grandes periódicos publicando suas reportagens idênticas às dos jornais, a maioria desses jornais e revistas que foram mencionados não existem mais fisicamente. Atualmente, as redes sociais estão recheadas de jornalistas independentes, muitos movidos por sua paixão cobrem o time do coração nas redes sociais, por conta própria criam a pauta, fazem a apuração, escrevem a reportagem e também a publicam em suas contas.

### 3. O acidente

*Que lo escuchen en todo el  
continente  
siempre recordaremos  
campeón al Chapecoense<sup>2</sup>*

A madrugada de 28 de novembro de 2016 marcou não somente a história do esporte brasileiro, marcou a história do país. O Brasil é e sempre vai ser o país do futebol, não conseguimos falar da economia, da cultura e nem da política brasileira sem falar do esporte mais amado no país. Por isso, quando uma tragédia tão arrasadora acontece, ela vira um “mega-acontecimento”, vira uma ruptura na história recente do Brasil, nos deixando em busca de um sentido para retornarmos o controle e a nossa rotina.

Quando [os acontecimentos] se produzem, não estão conectados aos que os precederam nem aos elementos do contexto: são descontínuos relativamente a uns e a outros e excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação da conduta ou a do correr das coisas (QUERÉ, 2005, apud REBELO, 2006, p.1)

Apesar de a Chapecoense não ser um time considerado grande ou popular na época, seus feitos recentes fizeram com que os olhos do público e da mídia se virassem para ela, uma equipe que não tinha grandes rivais no Brasileirão foi “adotada” pelos brasileiros, fazendo com que na primeira final internacional da história da equipe os torcedores não estivessem sozinhos, o país torcia para a Chape. Os torcedores não estavam sozinhos na glória nem na tragédia, o Brasil e o mundo choraram o acidente como se fossem fãs fanáticos pelo time por uma vida inteira, e que depois do ocorrido virou o segundo time de toda uma nação. Na crônica Chapecoense: As lembranças que perdurarão para sempre, Leandro Stein explica um pouco de como o brasileiro se sentiu após a tragédia, destacando a sua trajetória contagiante no futebol mundial.

A Chapecoense se transformou no clube que todos passaram a admirar. Que todos queriam chamar um pouquinho também de seu. É a valentia que se

---

<sup>2</sup> “Que os escutem em todo o continente, sempre recordaremos a campeã Chapecoense” Música criada por torcedores colombianos após a tragédia. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aNJ\\_UZX8KMM](https://www.youtube.com/watch?v=aNJ_UZX8KMM). Acesso em: 24 de novembro de 2022.

demonstrava a cada partida. É a grandeza que surgia quando menos se esperava, para escrever a história continuamente.<sup>3</sup>

Neste capítulo, caminharemos pela história da equipe, de uma vontade dos moradores apaixonados por futebol de um município de Santa Catarina de terem um time que os representava, a sua criação, sua ascensão da série D até a final da Sul-Americana e também como uma tragédia anunciada acabou com o sonho de uma população e com a vida de 19 jogadores da equipe, além de dirigentes e integrantes da comissão técnica.

### **3.1. A ascensão da Chapecoense e a classificação para a final da Sul-Americana**

O clube que ficará marcado eternamente pela tragédia é relativamente novo e conta a história de um município apaixonado por futebol que ainda não tinha um time que o representasse. Muito antes do ocorrido no ano de 2016 nascia em Chapecó a Associação Chapecoense de Futebol.

Fundada em uma região em que não havia times de expressão, a Chapecoense nasceu em 10 de maio de 1973, no oeste de Santa Catarina, com um objetivo: reverter essa situação. Segundo o site oficial do clube<sup>4</sup>, desportistas, apaixonados por futebol e representantes do Clube Independente e Clube Atlético Chapecó se uniram para fundar um time profissional. Assim, no mesmo ano foi formada a primeira diretoria da Associação Chapecoense de Futebol, liderada por Gomercindo L. e por Lotário Immich, vice-presidente e presidente consecutivamente. Foi formado o primeiro time e a equipe era composta por profissionais das mais diversas áreas. De acordo com as informações obtidas no site da Chapecoense, a equipe não recebia proventos financeiros para entrar em campo, já que o objetivo era "fazer do clube a maior expressão do esporte na região"

---

<sup>3</sup> Stein, Leandro. Chapecoense: As lembranças que perdurarão para sempre. Trivela. Disponível em: <<https://trivela.com.br/brasil/as-lembrancas-que-perdurarao-para-sempre/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2022.

<sup>4</sup> Nossa História. Chapecoense.com. Disponível em: <<https://chapecoense.com/pt/nossa-historia>>. Acesso em: 19 de agosto de 2022.

**Figura 1: O Primeiro Time.**



Fonte: Site Oficial da Chapecoense<sup>5</sup>

O objetivo foi alcançado e a Chapecoense coleciona seis títulos no Campeonato Catarinense, uma Copa Santa Catarina e após disputar a Copa do Brasil em 2009 foi garantido acesso a série D do Campeonato Brasileiro e no mesmo ano o acesso para a série C do campeonato. No ano de 2014 a Associação Chapecoense de Futebol dava um passo importante para a sua história chegando à elite do futebol nacional, porém, foi apenas no ano seguinte que a equipe teve a sua grande ascensão no cenário nacional, pois foi nesse ano que o time enfrentou a sua primeira competição internacional e apesar da eliminação nas quartas de final, o resultado foi apenas um prenúncio do que estava por vir.

O ano que ficou marcado pela tragédia começou com muito otimismo para a equipe de Santa Catarina que iniciou o ano garantindo um título estadual. No meio do ano a sua segunda participação em um campeonato internacional começou com uma derrota por 1 a 0 para o Cuiabá na Arena Pantanal pela Sul-Americana. “Cuiabá enfrenta Chapecoense em partida histórica na Sul-Americana”<sup>6</sup>, assim foi noticiado o segundo jogo entre as equipes, pois o Cuiabá, clube que tinha apenas 15 anos na época, era o primeiro time do estado a disputar

<sup>5</sup> Disponível em: <https://chapecoense.com/pt/nossa-historia> . Acesso em: 27 de setembro de 2022.

<sup>6</sup> Cuiabá enfrenta Chapecoense em partida histórica na Sul-Americana. Globo Esporte, 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/futebol/times/cuiaba/noticia/2016/08/cuiaba-enfrenta-chapecoense-em-partida-historica-na-sul-americana.html>>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

uma competição internacional. Porém, quem fez história foi o clube de Chapecó que conseguiu uma grande vitória no jogo de volta por 3 a 1 na Arena Condá.

O próximo e maior desafio da história do clube seria vencer o Junior Barranquilla, conhecido como O Rei Das Copas. Uma derrota magra no jogo de ida, deixou a classificação um pouco mais distante, porém no jogo de volta, a Chape fez 3 a 0 na Arena Condá e garantiu uma vaga na semifinal superando a campanha do ano anterior. Agora a história estava do lado da Chapecoense como expôs a manchete do Globo Esporte após a partida “Chapecoense atropela o Júnior em casa e garante classificação histórica”<sup>7</sup>.

O último obstáculo para chegar a grande final era o time argentino San Lorenzo. Na casa do adversário a Chapecoense conseguiu arrancar um empate por 1 a 1, já no segundo jogo pela semifinal como o GE já anunciava “Em alta e com vantagem, Chape pega o San Lorenzo e luta por vaga inédita”<sup>8</sup>, com um empate sem gols e atuação heróica do goleiro Danilo, que fez uma grande defesa com o pé salvando a equipe de Chapecó nos últimos instantes do jogo, a Associação Chapecoense de Futebol chegou a final e enfrentaria o time colombiano Atlético Nacional. A equipe estava como colocou o Globo Esporte após a partida “A uma flechada da América!”<sup>9</sup>.

### 3.2. O dia do acidente

Após a classificação gloriosa contra o San Lorenzo na semifinal, a Chapecoense estava a um degrau de conquistar a América, ou como anunciava o Globo Esporte “A uma flechada da América!”, fazendo referência ao índio guerreiro, mascote da equipe brasileira. O primeiro jogo que levaria a glória eterna estava marcado para o dia 30 de novembro daquele mesmo ano. No estádio Atanasio Girardot, em Medellín, as duas equipes se enfrentariam pela primeira partida daquela final da Sul-Americana em busca do título. Porém, a partida não pode acontecer devido ao terrível acidente.

---

<sup>7</sup>Chapecoense atropela o Júnior em casa e garante classificação histórica. Globo Esporte, 2016. Disponível em: <<http://ge.globo.com/sc/futebol/copa-sul-americana/noticia/2016/10/chapecoense-abafa-o-junior-faz-3-0-e-garante-classificacao-historica.html>>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

<sup>8</sup>Em alta e com vantagem, Chape pega o San Lorenzo e luta por vaga inédita. Globo Esporte, 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/copa-sul-americana/noticia/2016/11/em-alta-e-com-vantagem-chape-pega-o-san-lorenzo-e-luta-por-vaga-inedita.html>>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

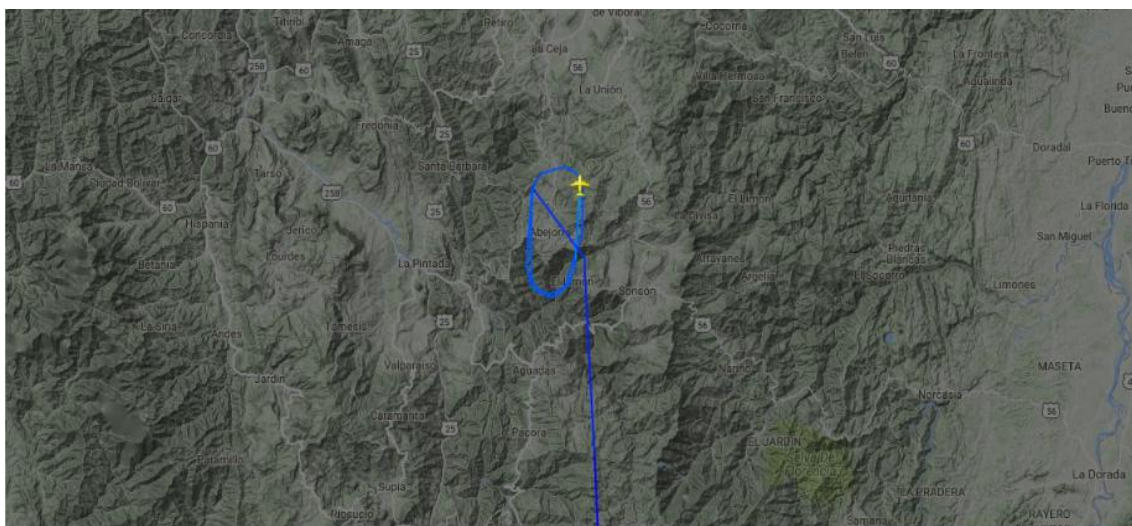
<sup>9</sup>A uma flechada da América! Danilo salva no fim e garante Chape na final da Sul-Americana. Globo Esporte, 2016. Disponível em:

<<http://ge.globo.com/sc/futebol/copa-sul-americana/jogo/23-11-2016/chapecoense-san-lorenzo/index.html>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

Os 77 passageiros da aeronave, contando a equipe, comissão técnica e jornalistas, saíram do aeroporto de Guarulhos, São Paulo, para o aeroporto de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, onde eles trocariam de avião para o seu destino final, Medellín. A aeronave da companhia aérea venezuelana LaMia decolou no dia 28 de novembro às 22:13, horário de Brasília, com destino a Colômbia, porém às 1h15min da manhã ela perdeu o contato com a torre de controle, nesse momento o avião, já estava em território colombiano, entre as cidades de La Ceja e Abejorral.

O avião já estava próximo ao Aeroporto José María Córdova, em Rionegro, município perto de Medellín, quando o piloto Miguel Quiroga relatou falhas elétricas graves à torre de controle e pediu permissão para pousar. Porém, o pedido não foi atendido, pois outra aeronave, a Airbus da Viva Colombia, pousaria naquele instante também por uma emergência. A próxima oportunidade de pouso só aconteceria 7 minutos mais tarde, Miguel Quiroga então dá duas voltas próximas ao aeroporto esperando autorização para pousar quando o contato foi perdido na primeira hora da madrugada. Segundo o relatório final, “09 minutos e trinta e sete segundos depois, ocorreria a tragédia”.

**Figura 2: Rota de vôo.**



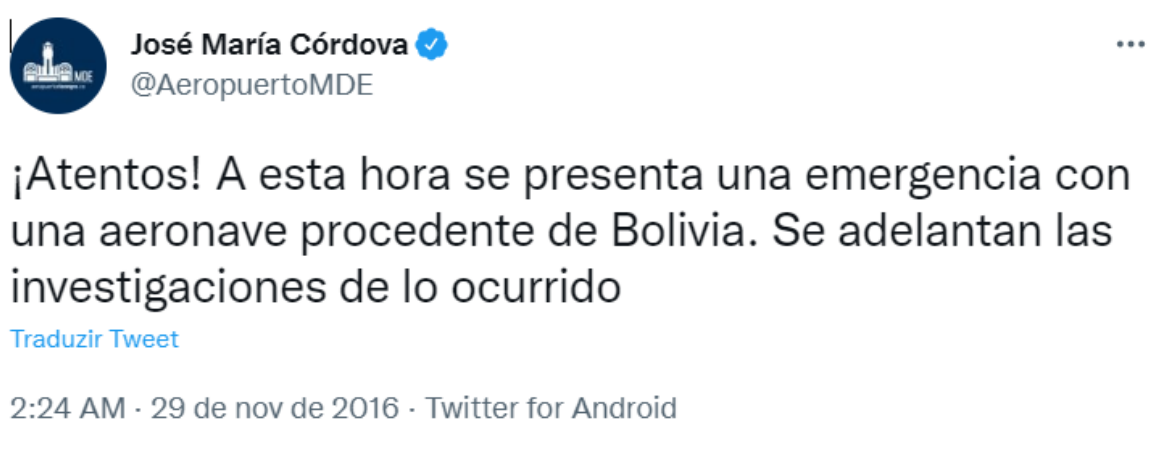
Fonte: Flight Radar 24<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.flightradar24.com/blog/lmi2933-crash-near-medellin/> . Acesso em: 16 de outubro de 2022.

A notícia do desaparecimento da aeronave chegou ao Brasil por volta das 2 horas da manhã do dia 29 de novembro, ainda sem a certeza do que havia acontecido com o avião que levava a equipe de Chapecó, o perfil oficial do Aeroporto José María Córdova publicou no twitter “¡Atentos! A esta hora se presenta una emergencia con una aeronave procedente de Bolivia. Se adelantan las investigaciones de lo ocurrido”. No Brasil, o portal Terra noticiou “Avião com delegação da Chapecoense estaria desaparecido na Colômbia”<sup>11</sup>.

**Figura 3: Tweet do aeroporto José María Córdova.**



Fonte: Twitter Oficial do Aeroporto José María Córdova<sup>12</sup>

Não demorou muito para que as notícias começassem a surgir, e fosse declarada a maior tragédia do futebol brasileiro. As 03h42min do dia 29, o G1 noticiou: “Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos”<sup>13</sup>. Apesar do otimismo nas primeiras notas, e a esperança de muitos sobreviventes, isso não foi concretizado. O voo LaMia CP-2933 caiu deixando 71 mortos e 6 sobreviventes.

### 3.3. Uma tragédia anunciada

<sup>11</sup>Avião com delegação da Chapecoense estaria desaparecido na Colômbia. Terra, 2016. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/aviao-com-delegacao-da-chapecoense-estaria-desaparecido-na-colombia,9939bd37b19e0dbf986d9aacd3c3905f7opyfona.html>>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://twitter.com/AeropuertoMDE/status/803454461662339073>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

<sup>13</sup> Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos. G1, 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>>. Acesso em: 05 de outubro de 2022

Após o ocorrido, especialistas foram em busca de respostas para o porquê do acidente. Porém, não foi encontrada uma causa única para a queda, e sim uma tragédia anunciada. “Chapecoense: relatório final diz que falta de combustível causou acidente”<sup>14</sup> Diz matéria da Revista Placar de 2021, segundo a reportagem, o combustível da aeronave não era o suficiente para a viagem entre Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, e Medellín, na Colômbia. Ainda em 2016, o piloto e escritor Ivan Sant’Anna disse em matéria para o G1 que “o reabastecimento em Cobija teria evitado o acidente”<sup>15</sup>, já que esse trajeto dura 4h30min e a capacidade do avião era de apenas 4 horas, e os resultados preliminares da investigação acusaram que o avião não tinha nenhum combustível ao cair.

Segundo registros de um dos sobreviventes, havia o planejamento inicial de se reabastecer a aeronave no Aeroporto de Cobija (OACI: SLCO) – fato esse que efetivamente não acontece. (...) Todavia, às 00h52 do dia 29 de novembro de 2016, após a aeronave ser transferida para o ATC da Colômbia, ocorre a decisão de continuar a rota original até Rionegro (SKRG).<sup>16</sup>

Segundo o relatório final o plano de voo foi alterado, o planejado seria um voo de São Paulo para Medellín no dia 28 de novembro e outro voo de Medellín para São Paulo, ideia que foi vetada logo antes do embarque pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), pois como era um voo charter (aluguel de aeronave para realizar o transporte de pessoas ou cargas fora do padrão e horário da companhia aérea), e por não pertencer ao país de origem, Brasil, nem ao país de destino, Colômbia, pela regulamentação brasileira, a LaMia, empresa boliviana, não poderia fazer esse trajeto direto entre as duas cidades. Por isso, a delegação da Chapecoense embarcou em um voo comercial de Guarulhos para Santa Cruz de la Sierra e depois no AVRO 146-RJ85, da LaMia, com destino a Medellín.

Então, a equipe de Chapecó segue o novo planejamento e embarca na aeronave CP2933 que até então, faria uma parada em Cobija para abastecer, o que não ocorreu, fato que deixou a tripulação incomodada. Ao perceber o estado do combustível, o avião se aproxima do aeroporto de Rionegro e inicia o procedimento de descida, “deste momento até a ocorrência do acidente, transcorrer-se-iam 15 minutos e 09 segundos”. O relatório da CPI da

---

<sup>14</sup>Chapecoense: relatório final diz que falta de combustível causou acidente. Placar, 2021. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/placar/chapecoense-em-relatorio-final-falta-de-combustivel-causou-acidente/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<sup>15</sup> Melo, Quésia. Família diz que culpar piloto por acidente da Chapecoense é 'cruel'. G1, 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/12/familia-diz-que-culpar-piloto-de-acidente-da-chapecoense-e-cruel.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<sup>16</sup> O relatório final da Chapecoense foi aprovado dia 11 de julho de 2022 e está disponível na íntegra no site do Senado. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo\\_portal\\_cpichape\\_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf](https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo_portal_cpichape_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf)> Acesso em: 03 de maio de 2023

Chapecoense<sup>17</sup> afirma que as causas do acidente seriam a inapropriação do planejamento e da tomada de decisões, bem como “uma solicitação tardia de prioridade e declaração tardia de emergência por falta de combustível”

Aliado ao planejamento inapropriado, a tomada de decisões inadequada da administração da companhia exploradora da aeronave, em razão da falta de verificação da segurança operacional em seus processos, assim como a perda da consciência situacional e a tomada de decisões equivocada da tripulação, que manteve a ideia de continuar um voo com uma quantidade de combustível extremamente limitada, foram fundamentais para a queda da aeronave.<sup>18</sup>

A conclusão do documento oficial é que a soma de todos esses eventos ocasionou a morte de 71 pessoas; sendo 20 jornalistas; 9 dirigentes; 2 convidados; 14 integrantes da comissão técnica; 19 jogadores e 7 tripulantes ou pessoas ligadas à companhia aérea.

A CPI da Chapecoense que iniciou em 2019, foi pausada em 2020 por causa da pandemia, teve o seu relatório final aprovado em julho de 2022, e concluiu que cinco empresas foram igualmente responsáveis pelo acidente e devem indenizar as famílias das vítimas, são elas: LaMia Corporation, a companhia aérea boliviana; Bisa Seguros, empresa de seguros boliviana contratada pela LaMia; Tokio Marine Kiln Limited, seguradora global com sede no Reino Unido, com quem a Bisa contratou o resseguro; Aon UK e Grupo Estratégica (antiga Aon Bolívia), que funcionaram como representantes da seguradora e da resseguradora e orientadores da LaMia.

---

<sup>17</sup>O relatório final da Chapecoense foi aprovado dia 11 de julho de 2022 e está disponível na íntegra no site do Senado. Disponível em:

<[https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo\\_portal\\_cpichape\\_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf](https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo_portal_cpichape_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf)> Acesso em: 03 de maio de 2023

<sup>18</sup>O relatório final da Chapecoense foi aprovado dia 11 de julho de 2022 e está disponível na íntegra no site do Senado. Disponível em:

<[https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo\\_portal\\_cpichape\\_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf](https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/07/11/arquivo_portal_cpichape_7283comissaocpicomissaocpichape20220711.pdf)> Acesso em: 03 de maio de 2023

#### 4. A cobertura do acidente da Chapecoense

Neste capítulo, além de analisar as matérias sobre o dia do acidente, vamos falar sobre as causas, a cobertura dos velórios, a repercussão dele no mundo e também como foi relatada a morte dos jornalistas que estavam naquele avião a trabalho.

Relembrando a ideia exposta por José Rebelo em “Os acontecimentos mediáticos como actos de palavra” explicada no primeiro capítulo, falaremos sobre a construção narrativa midiaticizada da tragédia, especificamente nos portais focados em esportes. Como explicitado no capítulo um deste trabalho, o jornalista trabalha na tripla projeção do tempo, ou seja, contextualiza o passado para entender o presente e explicar o futuro.

Nesse sentido, as matérias realizadas pelos profissionais sobre a tragédia não tem a narrativa focada apenas no dia 29 de novembro. Podemos perceber que muitas matérias procuram entender o plano de voo, conhecer a companhia aérea boliviana que fez o trajeto e também o contrato entre a empresa da Bolívia e o clube brasileiro. Dessa forma, com o passado contextualizado ao público, a queda do avião é explicada.

Podemos recordar também do artigo “Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais”, de Márcia Franz Amaral, nesse texto, ela explicita que os testemunhos são a principal fonte quando falamos de cobertura de tragédia, já que eles têm o objetivo de trazer veracidade para a narrativa. Apesar de ela falar que em primeiro lugar quem pode testemunhar são os sobreviventes do acidente, e em segundo lugar, é alguém que sofreu a experiência, não é o que ocorre durante a cobertura do acidente da Chapecoense.

Diferente de acidentes ambientais retratados no artigo escrito por Márcia Amaral, em que os sobreviventes poderiam ser a fonte principal das matérias, os sobreviventes da tragédia foram levados ao hospital onde ficaram internados por mais duas semanas. As entrevistas com os jogadores só começaram a acontecer em dezembro daquele ano quando os atletas receberam alta<sup>19</sup>.

As maiores fontes da tragédia que aconteceu com o avião da Chapecoense não foram testemunhos e sim as autoridades e jornalistas. Primeiramente os bombeiros voluntários da cidade de La Unión e a polícia, que trabalharam durante a madrugada em busca de sobreviventes e depois os médicos que atenderam os sobreviventes e o IML.

---

<sup>19</sup> Alan Ruschel deixa o hospital e vai ao dentista para poder dar entrevistas. Globo Esporte, 2016. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sobrevivente-da-queda-do-aviao-da-chape-alan-ruschel-deixa-o-hospital.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

#### 4.1. Cobertura do acidente

“Avião da Chape cai, e autoridades informam: 71 mortos e 6 sobreviventes. A aeronave perdeu contato com o aeroporto de Medellín e fez pouso forçado”<sup>20</sup>. Na madrugada do dia 29 de novembro de 2016 uma das maiores tragédias envolvendo o futebol aconteceu, e assim como qualquer outra tragédia, teve uma grande cobertura jornalística. Com uma cobertura tão extensa como outras tragédias brasileiras como Brumadinho, deslizamentos na Região Serrana do Rio de Janeiro e a Boate Kiss tiveram, a Tragédia da Chapecoense, como é conhecida hoje, teve uma cobertura que até hoje é lembrada.

Naquela noite o futebol não ficou em segundo plano. Na realidade, ele não foi sequer lembrado. Os jornalistas que tinham viajado para cobrir a final de um evento esportivo encontraram na Colômbia uma tragédia. Outros que animados contavam para seus amigos de imprensa que iriam para Medellín junto com os jogadores da Chapecoense, grandes nomes do jornalismo esportivo como Mário Sérgio, Júlio Clement e Victorino Chermont, não puderam contar essa história.

Não há desastre que se compare ao que aconteceu com a valente Chapecoense. No auge de suas condições, pronta para enfrentar o Nacional de Medellín nas finais da Copa Sul-Americana, algo inimaginável para quem, há alguns anos, engatinhava nas competições. Como foi longe a Chape! (...) Nem jogo, nem cobertura, nem vida. Era só desolação. O olhar perplexo sem passado, sem presente, sem futuro...<sup>21</sup>

As primeiras notícias que chegavam da Colômbia eram animadoras, o twitter Noticias Caracol, perfil da emissora de televisão aberta colombiana, publicou que os bombeiros voluntários da cidade de La Unión que estavam no local do acidente confirmaram que o avião não havia explodido, o que aumentaria a possibilidades de haver um grande número de sobreviventes. Apesar de o acidente ter acontecido por volta da 1h15min da manhã, a forte chuva no dia anterior e o difícil acesso à região só permitiram que os bombeiros conseguissem chegar ao local dos destroços quase uma hora depois.

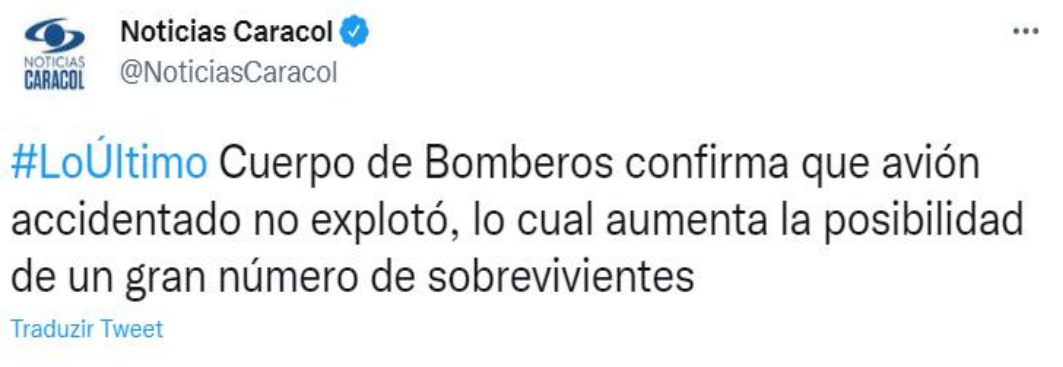
---

<sup>20</sup>Avião da Chape cai, e autoridades informam: 71 mortos e 6 sobreviventes . Globo Esporte, 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/imprensa-colombiana-diz-que-avi-ao-que-transporta-chape-esta-desaparecido.html>>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

<sup>21</sup>Avallone, Roberto. A maior tragédia do futebol brasileiro. Uol Esporte. Blog do Avallone Disponível em: <<https://blogdoavallone.blogosfera.uol.com.br/2016/11/30/a-maior-tragedia-do-futebol-brasileiro/>> . Acesso em: 27 de setembro de 2022.

**Figura 4: Tweet do jornal Noticias Caracol.**



Fonte: Twitter oficial do jornal Noticias Caracol<sup>22</sup>

Embora o avião que transportava a equipe não tenha explodido, ele bateu de barriga no Morro Sucio, renomeado de Cerro Chapecoense em homenagem ao clube, e se despedaçou, deixando 71 mortos e 6 sobreviventes. Apenas três jogadores da equipe sobreviveram, o lateral-esquerdo Alan Ruschel, o goleiro Jackson Follmann e o zagueiro Hélio Hermito Zampier Neto. Dos jornalistas que foram cobrir o evento, apenas um foi encontrado com vida, o ex-locutor da Rádio Oeste de Chapecó Rafael Henzel, os últimos sobreviventes eram tripulantes do voo: a comissária de bordo Ximena Suárez e o técnico de voo Erwin Tumiri.

Apesar de o jornalismo esportivo ter ganhado muito espaço nos meios de comunicação, essa especialização ainda é vista como menor e menos importante que editorias mais aclamadas como o jornalismo político. Porém, nesses momentos, fica claro que não importa de qual editoria o profissional faz parte, a formação é a mesma.

Por parte dos profissionais que participaram da cobertura, aqueles dias foram de grande intensidade. Jornalistas acostumados à rotina esportiva foram, mais do que nunca, jornalistas. Livia Laranjeira, a repórter do SporTV que, por estratégia de cobertura do canal, viajou antes para a Colômbia e teve a responsabilidade de transmitir as primeiras informações sobre o acidente diretamente de Medellín, foi também a última da equipe enviada especialmente para a cobertura a ir embora do país. (ALEXANDRINO, 2019, p. 83)

Quando falamos de um acontecimento como esse, em que os amigos e familiares dos envolvidos recebem todas as notícias pela mídia, alguns cuidados precisam ser tomados, Danilo Padilha, o herói da Chapecoense, é um exemplo do que falhas na comunicação podem causar. Em um primeiro momento o goleiro foi anunciado com vida. ”Recebemos uma

<sup>22</sup>Disponível em: <https://twitter.com/NoticiasCaracol/status/803496269511589888> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

ligação de que ele está bem”<sup>23</sup>, seu pai, Eunício Padilha contou feliz ao G1 que havia recebido a confirmação de que seu filho era um dos seis sobreviventes. Essa matéria foi publicada pelo portal da Globo às 14h20min do dia 29 de novembro, já às 14:27 do mesmo dia o G1 publicou “Goleiro Danilo morre após ter sido resgatado, diz Cruz Vermelha”, segundo a mesma matéria, a família havia recebido a notícia da morte pela televisão<sup>24</sup>. Porém, em matéria da Gazeta do Povo foi divulgado que “Goleiro Danilo morreu no local da queda do avião da Chape, dizem médicos”<sup>25</sup>, a reportagem explicita que as informações sobre o estado de Danilo foram um erro de comunicação, o jogador não resistiu aos ferimentos e morreu no local, a matéria ainda diz que o médico da CBF que estava na Colômbia disse que ele foi levado diretamente ao IML.

Em um primeiro momento foi anunciado que 81 pessoas tinham embarcado no CP2933, porém, mais tarde foi divulgado que quatro passageiros desistiram de viajar com o time pouco antes de o avião levantar voo, entre eles o prefeito da cidade de Chapecó, Luciano Buligon, somando então 77 pessoas a bordo. Ainda no final da tarde do dia 29 a Unidade Nacional para Gestão de Risco e Desastres da Colômbia anunciou que as buscas haviam se encerrado com 71 vítimas fatais e 6 sobreviventes. Em entrevista, Carlos Iván Márquez Pérez, segundo diretor geral da Unidade Nacional para Gestão de Risco e Desastres afirmou que foi uma das operações mais rápidas que eles fizeram, coordenada com logística aérea, terrestre, de máquina e humana para mitigar a dor das famílias<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup>Justi, Adriana e Kobus Bruna. 'Recebemos uma ligação de que ele está bem', diz pai de goleiro Danilo. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2016/11/recebemos-uma-ligacao-de-que-ele-esta-bem-diz-pai-de-goleiro-danilo.html>> . Acesso em: 15 de outubro de 2022.

<sup>24</sup>Justi, Adriana. Goleiro Danilo morre após ter sido resgatado, diz Cruz Vermelha. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2016/11/goleiro-danilo-morre-apos-ter-sido-socorrido-de-acidente-com-aviao.html>> . Acesso em: 15 de outubro de 2022.

<sup>25</sup>Goleiro Danilo morreu no local da queda do avião da Chape, dizem médicos. Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/goleiro-danilo-morreu-no-local-da-queda-do-aviao-da-chape-afirma-m-medicos-9y7dtwob1g4uj380a44jhuimz/>> . Acesso em: 15 de outubro de 2022.

<sup>26</sup>Buscas por sobreviventes do acidente da Chapecoense são encerradas . Agência Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-11/buscas-por-sobreviventes-em-acidente-da-chapecoense-se-sao-encerradas>> . Acesso em: 18 de outubro de 2022.

**Figura 4: Operação de resgate.**



Fonte: Polícia de Antioquia, 2016.<sup>27</sup>

Já a identificação dos corpos das vítimas do acidente foi uma disputa entre o governo colombiano e as famílias. As autoridades colombianas, apesar dos pedidos das famílias de fazer a identificação pela internet, disseram que os familiares deveriam ir à Colômbia. Porém, mesmo que a Confederação Brasileira de Futebol, a CBF, tenha disponibilizado um avião para levar os familiares ao local da tragédia, Walter Feldman, secretário-geral da CBF, avisou que a documentação das vítimas foi toda identificada, e que nenhum corpo foi carbonizado, o que facilitaria a identificação.

Deverá ser um trabalho rápido tendo em vista que todos os passaportes foram identificados e não houve explosão. Então, a identificação dos corpos é mais fácil. A expectativa é de que o trabalho seja concluído em tempo razoável. Há aviões da FAB esperando em Manaus para ir à Colômbia para poder trazer os corpos a Chapecó, onde haverá um velório coletivo. A informação do governo da Colômbia é que tudo está sendo feito rápido. Diria às famílias que o deslocamento delas não será necessário. O que facilita em termos de logística e também em desconforto. Poderão aguardar aqui.<sup>28</sup>

<sup>27</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2016/11/goleiro-danilo-morre-apos-ter-sido-socorrido-de-acidente-com-aviao.html> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

<sup>28</sup> Kestelman, Amanda e Madruga, Diego. Identificação de corpos avança, e familiares não devem ir à Colômbia. Globo Esporte. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/familiares-pedem-para-identificar-corpos-no-brasil-e-vaio-sp-na-quarta.html> . Acesso em: 18 de outubro de 2022.

Uma equipe da Polícia Federal, integrantes do Itamaraty e dos Ministérios da Saúde e do Esporte, foram ao país do acidente com os dados biométricos dos brasileiros para fazer a identificação. Após esse processo os corpos foram liberados para voltar ao Brasil, essa viagem foi realizada em uma sexta-feira, 2 de dezembro. Às 19h três aviões decolaram de Medellín rumo ao Brasil com os corpos dos brasileiros falecidos, o velório já estava sendo preparado para o dia seguinte na Arena Condá, onde as autoridades acreditavam que 100 mil pessoas estariam presentes para prestar homenagens.

Durante os quatro dias entre o acidente, as buscas, identificações e o velório, os dois lados da notícia, o emissor e o receptor, não esperavam que o espetáculo se tornaria uma tragédia, mas só um lado pôde chorar sem restrições.

Repórteres podem chorar, e algumas vezes o fazem - sozinhos. Eles devem, no entanto, cobrir tais matérias da forma menos emocional possível e partir para a próxima. (WHITE, 2008, p. 209)

Apesar de não ser esperado do jornalista a emoção durante a cobertura do evento, Guto Ferreira se emocionou e foi às lágrimas nos braços da mãe do goleiro Danilo Padilha durante uma entrevista na Arena Condá.

#### **4.2. Cobertura dos velórios**

Antes dos corpos chegarem ao Brasil, e antes do velório coletivo que ocorreria no dia 03 de dezembro, o “Atlético Nacional lota estádio em apoio à Chape: "Uma nova família nasce"<sup>29</sup>. A homenagem às 71 vítimas do acidente ocorreu em Medellín no dia 30 de novembro no horário e local marcados para o primeiro jogo da final. Cantando “vamos, vamos Chape”, cerca de 52 mil torcedores vestidos de branco foram ao estádio Atanasio Girardot acender velas e prestar homenagens ao time catarinense. Durante o evento, havia faixas com os dizeres “O futebol não tem fronteiras” e “Uma nova família nasce”, foram jogadas flores no campo pelos torcedores, e a Orquestra Filarmônica de Medellín também participou da homenagem. Representando o Brasil, o ministro de Relações Internacionais do

---

<sup>29</sup> Crepaldi, Fabricio. Atlético Nacional lota estádio em apoio à Chape: "Uma nova família nasce". Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/atletico-nacional-lota-estadio-em-apoio-cha-pe-uma-nova-familia-nasce.html>> . Acesso em: 15 de novembro de 2022.

Brasil da época, José Serra, foi ao evento e agradeceu ao apoio prestado pelos colombianos, após a tragédia.

Os trâmites para a identificação e transporte das vítimas, como dito anteriormente, não estavam claros para as famílias, e antes de qualquer notícia sobre a vinda dos corpos dos 19 atletas e do técnico Caio Jr. para o Brasil a Chapecoense em conjunto com a Polícia Rodoviária, os bombeiros e uma empresa de segurança já programava uma simulação<sup>30</sup> no dia 30 de novembro para o velório coletivo que aconteceria na Arena Condá. Segundo a simulação, o funeral começaria no aeroporto do município, os corpos seriam levados para o estádio onde ocorreria o velório coletivo e depois os corpos poderiam ser encaminhados para onde a família preferisse realizar o enterro. Para transportar os caixões do aeroporto para os gramados da Arena Condá foi disponibilizado um caminhão aberto decorado com as cores verde e branco do clube e a frase #FORÇACHAPE<sup>31</sup>.

**Figura 6: Caixões a caminho da Arena Condá.**



Fonte: Douglas Magno/AFP, 2016.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Kestelman, Amanda. Chapecoense programa simulação para velório coletivo na Arena Condá. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/chapecoense-programa-simulacao-para-velorio-coletivo-na-arena-conda.html>>. Acesso em: 08 de novembro de 2022.

<sup>31</sup> Caminhão aberto com inscrição #forçachape vai transportar caixões. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/caminhao-aberto-com-cores-da-chape-vai-transportar-caixoes-para-velorio.html>>. Acesso em: 08 de novembro de 2022.

<sup>32</sup>Disponível em: <<https://www.carlosbritto.com/arquivos/471495>> Acesso em: 09 de novembro de 2022.

A expectativa de Andrei Copetti, ex-diretor de marketing do clube, sobre a liberação dos corpos e a chegada deles ao Brasil em 48h não se concretizou, os corpos só chegaram em solo brasileiro no dia 03 de dezembro. Três aviões da Força Aérea Brasileira foram utilizados no traslado dos 50 caixões, 17 viriam no primeiro avião, 17 no segundo e 16 no terceiro. A primeira aeronave chegou em Manaus cerca de 23h25<sup>33</sup> de sexta-feira, antes da 00h10 os três aviões já estavam na capital amazonense, para a escala antes de partir para Chapecó, o planejamento era permanecer no Amazonas por duas horas para abastecimento e desembarço alfandegário. O trajeto das aeronaves estava marcado para terminar no sábado às 8h da manhã, dia que ocorreria o velório conjunto, porém houve um atraso de quase 2h na decolagem.

O estádio com capacidade para 19 mil pessoas ficou aberto ao público e telões foram instalados do lado de fora para quem quisesse acompanhar o velório, porém o gramado foi de acesso exclusivo para familiares, autoridades e pessoas ligadas ao clube de Chapecó. No dia 3 de dezembro o Globo Esporte noticiava, “Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis”<sup>34</sup>, muito diferente do que havia sido publicado até o momento, a matéria do Globo Esporte, apesar de ainda ter o objetivo de informar, tinha um tom muito mais emotivo sobre o acontecimento. No primeiro parágrafo, o jornalista deu as informações principais, mas escolheu definir o momento de forma mais emocionante, usando frases como “o choro se refez em um grito” ou “os heróis voltaram”. Além das informações essenciais, a notícia se permite aproximar do momento, dos leitores apaixonados por futebol e daqueles que foram afetados direta e indiretamente pela tragédia.

O velório durou quase duas horas embaixo do “choro do céu”, o caminhão disponibilizado para levar os caixões percorreu 10 km por cerca de 1 hora antes de chegar ao estádio. Os caixões foram colocados por militares em espaço coberto preparado para as homenagens que começaram às 13h28 com a execução do Hino Nacional e o da Chapecoense pela banda da Polícia Militar. O evento contou com a participação do apresentador Cid Moreira que leu uma passagem da Bíblia e do Dom Odelir José Magri, o bispo da arquidiocese de Chapecó, que leu uma mensagem do Papa Francisco que se dizia

---

<sup>33</sup>Aviões com corpos das vítimas de acidente da Chape chegam a Manaus. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/avioes-com-corpos-das-vitimas-de-acidente-da-chape-chegam-manaus.html>> . Acesso em: 08 de novembro de 2022.

<sup>34</sup>Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sob-muita-chuva-corpos-de-vitimas-chegam-arena-conda-para-velorio.html>> . Acesso em: 09 de novembro de 2022.

"Consternado pela trágica notícia do acidente aéreo na Colômbia que causou numerosas vítimas". Também estavam presentes Gianni Infantino, presidente da Fifa; Walter Feldman, secretário-geral da Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Tite, técnico da seleção brasileira; grandes jogadores como Puyol e Seedorf; também estava presente o presidente Michel Temer, que não discursou.

Além da imprensa nacional, mais de 1.300 jornalistas de pelo menos 20 diferentes países acompanharam o evento<sup>35</sup>, produzindo matérias que foram capas de jornais e ocuparam a janela mais importante dos principais portais esportivos. Assim como os jornalistas brasileiros, as manchetes das reportagens internacionais<sup>36</sup> evidenciaram a emoção, utilizando adjetivos também utilizados por aqui como “heróis”, como o Marca da Espanha e o El Tiempo da Colômbia. Já o periódico britânico Daily Mail destacou em sua manchete as cenas de “partir o coração” protagonizada pelos presentes.

**Figura 7: Chapecó chora por seus heróis.**



Fonte: Globoesporte.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Dor mundial: mais de 1300 jornalistas de 20 países acompanharão o velório. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/dor-mundial-mais-de-1300-jornalistas-de-20-paises-acompanharao-o-velorio.html>> . Acesso em: 18 de novembro de 2022.

<sup>36</sup> Emoção mundial: imprensa estrangeira se comove com velório em Chapecó. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/emocao-mundial-imprensa-estrangeira-destaca-adeus-vitimas-em-chapeco.html>> . Acesso em: 22 de novembro de 2022.

<sup>37</sup>Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/emocao-mundial-imprensa-estrangeira-destaca-adeus-vitimas-em-chapeco.html>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

**Figura 8: Chapecó, embaixo de chuva, se despede de seus heróis.**



Fonte: Globoesporte.<sup>38</sup>

**Figura 9: Manchete do Daily Mail.**

**Their final home appearance: Heartbreaking scenes as 100,000 Chapecoense fans arrive to see their players' coffins brought back to their stadium following Colombian air crash tragedy**



Fonte: GloboEsporte.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Disponível em:

<<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/emocao-mundial-imprensa-estrangeira-dest-aca-adeus-vitimas-em-chapeco.html>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

<sup>39</sup> Disponível em:

<<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/emocao-mundial-imprensa-estrangeira-dest-aca-adeus-vitimas-em-chapeco.html>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

Após o velório coletivo, os corpos das vítimas foram levados para suas respectivas cidades para o enterro. A cobertura das despedidas continuava, e durante aquele momento, a linha entre a despedida e o profissionalismo era tênue, como escreveu a jornalista Sofia Miranda em sua matéria sobre a cobertura do velório dos jornalistas Guilherme Van der Laars e Guilherme Marques em General Severiano, sede do Botafogo de Futebol e Regatas, clube das vítimas. Durante a cobertura do velório, os jornalistas ficaram na frente da sede, em Botafogo, tentando uma foto e entrevistas, quando uma pedestre que passava pelo local gritou para os profissionais “Bando de abutres!”. Em sua matéria “‘Nós não somos abutres’: a difícil missão de cobrir velório de amigos”<sup>40</sup>, Sofia Miranda relata que ninguém queria estar cobrindo aquele momento, e que em todas as seis horas que ela ficou em General Severiano ela estava alternando entre estar se despedindo de seu amigo e colega de profissão e trabalhando na cobertura de sua despedida.

Da mesma forma que a matéria “Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis”<sup>41</sup>, a matéria da jornalista do Globo Esporte traz uma carga mais dramática, ela começa narrando o último encontro com Gabriel Marques, um dia antes do aniversário do jornalista, apenas quatro dias antes do acidente, e termina a matéria “conversando” com ele, como em “E lá estava eu, tentando contar a história do fim da sua história por aqui, Gui”, “Que injustiça falar de você, Gui, contando logo essa história.” e ela ainda termina a matéria com “E depois, quando der, a gente se fala melhor.”

### 4.3. Repercussão do acidente no mundo

Quando tragédias como essa ocorrem, não existem fronteiras para a tristeza, pois como pudemos observar, a imprensa esportiva mundial dedicou parte do noticiário para abordar o acidente que aconteceu na Colômbia. A página principal do mais importante jornal desportivo da Itália, o La Gazzetta Dello Sport, estampou: “Tragédia aérea, a bordo os jogadores da Chapecoense: as vítimas são 71”<sup>42</sup>. A notícia foi capa do jornal impresso e do

<sup>40</sup> Miranda, Sofia. "Nós não somos abutres": a difícil missão de cobrir velório de amigos. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/nos-nao-somos-abutres-dificil-missao-de-cobrir-velorio-de-amigos.html>> . Acesso em: 15 de novembro de 2022.

<sup>41</sup> Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis.. Globo Esporte. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sob-muita-chuva-corpos-de-vitimas-chegam-arena-condado-para-velorio.html>> . Acesso em: 15 de novembro de 2022.

<sup>42</sup> Tragedia aerea, a bordo i giocatori della Chapecoense: le vittime sono 71. La Gazzetta Dello Sport, 2016. Disponível em: <<https://www.gazzetta.it/Calcio/Estero/29-11-2016/tragedia-aerea-chapecoense-colombia-1701041269983.shtml>> . Acesso em: 27 de outubro de 2022.

portal do Marca, jornal diário esportivo espanhol, no site a manchete era “Queda de avião da Chapecoense: 71 mortos e seis sobreviventes”<sup>43</sup>, no impresso a manchete escolhida foi “Para sempre, campeões”, o jornal ainda fez uma matéria especial contando a história dos sobreviventes da tragédia<sup>44</sup>.

O Mundo Deportivo, jornal esportivo publicado em Barcelona, publicou “Tragédia em futebol sulamericano”<sup>45</sup>, já a capa do El País da Espanha “Queda de avião da Chapecoense deixa pelo menos 71 mortos na Colômbia”<sup>46</sup>. Enquanto os jornais digitais postaram em tempo real as notícias vindas da Colômbia, os periódicos impressos, que demoram mais para chegar ao público, apostaram na emoção em suas capas.

Em sua capa, o jornal Desportivo Espanhol “AS” utilizou em menor escala a foto do time da Chapecoense antes de embarcarem e ocupando a maior parte da capa, a foto de um pequeno torcedor da Chapecoense de cabeça baixa na Arena Condá com os dizeres “Um minuto de silêncio”.

**Figura 10: Capa do Jornal Desportivo “AS”.**



Fonte: Reprodução do Jornal Extra<sup>47</sup>

<sup>43</sup> Accidente de avión del Chapecoense: 71 muertos y seis supervivientes. Marca, 2016. Disponível em: <<https://www.marca.com/futbol/america/2016/11/29/583d1e8922601d07098b4617.html>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>44</sup> Las historias de los supervivientes de la tragedia del Chapecoense. Marca, 2016. Disponível em: <<https://www.marca.com/futbol/america/2016/11/29/583dad5b22601d26748b4581.html>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>45</sup> Tragedia en el fútbol sudamericano. Mundo Deportivo, 2016. Disponível em: <<https://www.mundodeportivo.com/futbol/america/20161129/412258095090/tragedia-accidente-avion-equipo-futbol-medellin-colombia-brasil-chapecoense-video-29-noviembre-2016.html>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>46</sup> El accidente de avión del Chapecoense deja al menos 71 muertos en Colombia. El País, 2016. Disponível em: <[https://elpais.com/internacional/2016/11/29/america/1480398356\\_994950.html](https://elpais.com/internacional/2016/11/29/america/1480398356_994950.html)>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>47</sup> Disponível em:

Uma das capas mais emocionantes foi do jornal argentino “Olé” que acompanhado da mensagem de luto, que dizia que no melhor momento da sua vida, a Chapecoense chocou o mundo com a tragédia que vitimou 71 pessoas, trouxe também uma charge em que os jogadores ao chegarem ao céu ao invés da medalha de campeão recebiam uma auréola.

**Figura 11. Capa do Jornal Argentino “Olé”.**



Fonte: Reprodução do Jornal Extra<sup>48</sup>

Já o “A Bola” de Portugal trouxe a mesma imagem impactante da capa do “AS” com uma mensagem de luto pelo futebol após a tragédia e a frase “Os campeões nunca morrem” em destaque. Apesar de o jogo nunca ter acontecido, a Chapecoense foi declarada campeã da Sul-Americana daquele ano.

<https://extra.globo.com/esporte/tragedia-da-chapecoense-capa-dos-principais-jornais-do-mundo-20564665.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

<sup>48</sup> Disponível em:

<https://extra.globo.com/esporte/tragedia-da-chapecoense-capa-dos-principais-jornais-do-mundo-20564665.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

Figura 12. Capa do Jornal Português “A Bola”.



Fonte: Reprodução do Jornal Extra<sup>49</sup>

O espanhol “Marca” fez uso de uma das famosas cenas da tragédia em que o escudo da Chapecoense fica em evidência entre os destroços com a frase “Para sempre, campeões”, dizendo também que o rival da Chapecoense, o Atlético Nacional, solicita que o título seja entregue ao clube brasileiro. O jornal também dá destaque a morte de Cléber Santana, jogador que teve passagem pelo Atlético de Madrid.

<sup>49</sup> Disponível em:

<https://extra.globo.com/esporte/tragedia-da-chapecoense-capa-dos-principais-jornais-do-mundo-20564665.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

Figura 13. Capa do jornal espanhol 'Marca'



Fonte: Reprodução do Jornal Extra<sup>50</sup>

A queda do avião da Chape não foi o primeiro nem o último acidente envolvendo um atleta ou até uma equipe inteira. Quase 70 anos antes da tragédia da Chapecoense ocorrer, a equipe pentacampeã nacional do Torino também se envolveu em um acidente aéreo que acarretou na morte do time inteiro na cidade de Turim. O time que era conhecido como O Grande Torino por ser uma das melhores equipes de futebol da época voltava de um amistoso contra o Benfica de Portugal quando o avião, pela baixa visibilidade por consequência de um nevoeiro, se chocou contra a Basílica de Superga. A tragédia deixou 31 vítimas fatais, nenhum passageiro saiu do acidente com vida.

Assim como o pequeno município de Chapecó, a cidade de Turim ficou marcada pela tragédia. Essa cicatriz ainda é presente não só nos torcedores, mas como em todos os moradores da cidade, e diante do ocorrido em Medellín o perfil oficial do clube tweetou “Emoção pela tragédia em @ChapecoenseReal . É um destino que nos une indissolúvelmente #ForcaChapecoense , estamos fraternalmente perto de você”.

<sup>50</sup> Disponível em:

<https://extra.globo.com/esporte/tragedia-da-chapecoense-capa-dos-principais-jornais-do-mundo-20564665.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

**Figura 14: Tweet do Perfil Oficial do Torino Football Club.**



Fonte: Twitter oficial do Torino Football Club<sup>51</sup>

Em dezembro de 2016, no jogo contra o Genoa, pelo campeonato italiano, uma faixa em português com a frase “só o destino conseguiu vencê-los, força Chape”<sup>52</sup> Foi colocada no estádio Olímpico de Turim.

**Figura 15: Faixa em homenagem à Chapecoense.**



Fonte: Reprodução do Jornal Uol<sup>53</sup>

<sup>51</sup> Disponível em: [https://twitter.com/torinofc\\_1906/status/803552532631027713](https://twitter.com/torinofc_1906/status/803552532631027713) Acesso em: 24 de outubro de 2022.

<sup>52</sup>Torino homenageia Chapecoense com faixa em português. Uol Esporte, 2016. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/12/22/torino-homenageia-chapecoense-com-faixa-em-portugues.htm>>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

<sup>53</sup>Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/12/22/torino-homenageia-chapecoense-com-faixa-em-portugues.htm>>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

As equipes que são ligadas pela dor até hoje trocam homenagens, a equipe italiana lançou para a temporada de 2021/2022 uma camisa verde em homenagem à Chapecoense, essa não é a primeira vez que o Torino troca as cores tradicionais do seu uniforme, em 2017 a equipe jogou de verde contra o Atalanta. Já para a temporada de 2022/2023, a Chapecoense divulgou o terceiro uniforme em homenagem a Itália e ao Torino, o vermelho, branco e verde da bandeira italiana estão presentes na manga e gola da camisa, na parte interna da gola “Uniti Dal Destino” (Unidos Pelo Destino) e na parte superior das costas da camisa “Chape e Torino, Amici Per Sempre” (Chape e Torino Amigos Para sempre) estão grafados. Para oficializar a parceria os dois clubes foram a campo no primeiro dia de agosto de 2018 em um amistoso na Itália em um “encontro inesquecível”<sup>54</sup>.

Porém, não foi só o Torino Football Club que se pronunciou sobre o acidente, jogadores e equipes do mundo se solidarizaram com a dor que o Brasil estava sentindo naquele momento e foram em suas redes sociais prestar seus sentimentos. Pelé, o rei do futebol, tweetou: "A família de futebol brasileiro está de luto. Isso é uma tragédia. Mando minhas condolências às famílias dos falecidos. Descansem em paz."<sup>55</sup> junto a imagem da bandeira do Brasil com o escudo da Chapecoense. Adriano Imperador utilizou da mesma imagem ao tweetar “Muito triste... Estamos Todos sofrendo com essa tragédia. #SomosTodosChape”<sup>56</sup>

Seguindo o exemplo do Torino, a Chapecoense também se pronunciou quando outros acidentes envolvendo o esporte ocorreram. Em sua conta oficial do Twitter a equipe se solidarizou com a família dos dez meninos da categoria de base do Clube de Regatas do Flamengo que morreram vítimas de um incêndio no Ninho do Urubu, centro de treinamento do clube carioca, em publicação o time de Chapecó colocou as camisas dos dois clubes lado a lado e escreveu “FORÇA, FLAMENGO! Estamos muito tristes e abalados com a notícia do incêndio que atingiu o Ninho do Urubu, deixando inúmeras vítimas. Externamos nosso desejo de força aos irmãos do @Flamengo e a todos os familiares dos atingidos. Nossos pensamentos e orações estão com vocês.” e também quando o ídolo do basquete estadunidense Kobe Bryant morreu em um acidente aéreo o clube postou “Mais uma perda triste e irreparável no mundo do esporte. Mais uma tragédia sem precedentes. Nós, da Chapecoense, lamentamos

<sup>54</sup> Um encontro inesquecível. Folha do Noroeste, 2018. Disponível em:

<<https://www.folhadonoroste.com.br/noticias/um-encontro-inesquecivel/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>55</sup> Pelé. A família de futebol brasileiro está de luto. Isso é uma tragédia. Mando minhas condolências às famílias dos falecidos. Descansem em paz. Brasil, 29 nov 2016. Twitter: @Pele. Disponível em: <https://twitter.com/Pele/status/803612710478946304>. Acesso em: 27 out 2022.

<sup>56</sup> Ribeiro, Adriano. Muito triste... Estamos Todos sofrendo com essa tragédia. #SomosTodosChape. Rio de Janeiro, 29 nov 2016. Twitter: @A10Imperador. Disponível em: <https://twitter.com/A10imperador/status/803595494245089281>. Acesso em: 27 out 2022.

profundamente o falecimento de Kobe Bryant. Nos solidarizamos com os familiares, amigos e fãs e desejamos muita força. Nossas orações estão com vocês. #rip”.

### 4.3. Quando quem noticia também vira notícia

Durante aqueles dias de cobertura, jornalistas que foram à Colômbia para cobrir a final do campeonato, noticiaram a morte de vinte colegas de profissão que estavam indo ao país com o mesmo objetivo. É compreensível que um acidente que tem como vítima um time inteiro que estava prestes a jogar uma final tenha como protagonista esses esportistas. Porém, a queda do avião da Chapecoense não foi somente o maior acidente esportivo do Brasil, ela foi também o maior acidente envolvendo jornalistas brasileiros. Entretanto, na cobertura da imprensa nacional, pouco se viu, leu ou ouviu sobre o fato de a tragédia aérea na Colômbia representar o maior acidente envolvendo jornalistas brasileiros da história, com um total de 20 mortos, superando, em números quantitativos, as 14 mortes de profissionais de televisão causadas pela explosão de uma aeronave que se colidiu com um morro nas proximidades da cidade de Macaé, no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1984. (TORRES; SOUZA, 2022, p.1)

A Chapecoense fretou o avião e precisava preencher as poltronas que não seriam ocupadas com integrantes do clube. Por isso, o time de Chapecó convidou jornalistas para ocupar esses lugares. No CP2933 estavam jornalistas já consagrados e também jornalistas que estavam começando na profissão e buscavam um espaço em grandes emissoras para falar sobre a sua maior paixão. Iniciantes e veteranos compartilhavam da alegria de poder cobrir não só a partida final como também a viagem do time, enquanto alguns colegas começariam suas matérias em Medellín, eles já estavam conversando com as estrelas do jogo em São Paulo.

Viajar para cobrir um jogo não é novidade na carreira de jornalista esportivo, mas era uma grande oportunidade viajar junto com os jogadores. Apesar de esses jornalistas não terem sido os protagonistas da cobertura da tragédia, antes do velório dos 50 brasileiros mortos no acidente, ainda quando não se tinha certeza de quando os corpos iriam voltar ao Brasil, Ilaídes Padilha, a mãe do goleiro Danilo, o ídolo do time que foi uma das vítimas fatais, após dar o seu relato de como estava se sentindo, já que a família acreditou por muito tempo que o atleta havia sobrevivido, pergunta para o repórter Guido Nunes que fazia a transmissão do evento pelo SporTV como os profissionais da imprensa estava se sentindo depois de perder tantos colegas de profissão. Naquele momento, apesar da citação de Ted White que os jornalistas

devem “cobrir tais matérias da forma menos emocional possível e partir para a próxima”, Guido Nunes foi às lágrimas nos braços da mãe de Danilo.

O único jornalista sobrevivente da tragédia, Rafael Henzel tem uma história que se confunde com a Associação Chapecoense de Futebol (ACF), Henzel nasceu no mesmo ano de criação da equipe do Oeste de Santa Catarina, 1973. Ele havia estado com a Chapecoense em todos os jogos pela Sul-Americana e no ano seguinte lançou o livro “Viva Como se Estivesse de Partida: Um relato otimista e emocionante do jornalista que sobreviveu À tragédia da Chapecoense” contando sobre a sua recuperação e vida após a tragédia,

Os profissionais da imprensa esportiva muitas vezes escolhem essa especialização, pois, eram apaixonados por um time de futebol na infância, eles querem por meio da profissão falar sobre a sua paixão e homenagear o seu clube do coração. Entretanto, em dezembro de 2016, eles foram os homenageados pelos times que juraram defender. Guilherme Marques e Guilherme Van Der Laars deram nome a cabines de imprensa no Estádio Olímpico Nilton Santos, Victorino Chermont ganhou uma sala de imprensa no Ninho do Urubu com o seu nome<sup>57</sup>.

**Figura 15: Tweet do Perfil Oficial do Botafogo de Futebol e Regatas.**



Fonte: Twitter Oficial Botafogo de Futebol e Regatas<sup>58</sup>

<sup>57</sup> Fla batizará nova sala de imprensa com nome de Victorino Chermont. Globo Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/11/fla-batizara-nova-sala-de-imprensa-com-nome-de-victorino-chermont.html>> . Acesso em: 19 de outubro de 2022.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://twitter.com/botafogo/status/804356465037365248>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

Vinte jornalistas brasileiros embarcaram naquele avião, foram vítimas fatais do acidente os jornalistas da Fox Sports Victorino Chermont, Lilacio Pereira Jr., Rodrigo Santana Gonçalves, Devair Paschoalon, Mário Sérgio, Paulo Julio Clement; do grupo Globo Guilherme Marques, Guilherme Van der Laars, Ari de Araujo Jr., Laion Espíndola, da RBS, filiada da Rede Globo no Rio Grande do Sul Giovane Klein Victória, André Podiacki, Bruno Mauri da Silva, Djalma Araújo Neto; da Rádio Super Condá Gelson Galiotto e Edson Luiz Ebeliny; da Rádio Chapecó Fernando Schardong e Douglas Dorneles; da RIC TV e Rádio Vang FM Jacir Biavatti; e da Rádio Oeste Capital Renan Agnolin.

A homenagem da imprensa esportiva brasileira aos jornalistas aconteceu na final da Copa do Brasil, partida entre Grêmio e Atlético Mineiro. Todos os profissionais dos canais esportivos ESPN Brasil, SporTV, Fox Sports e da tevê aberta Globo transmitiram o jogo sem os seus uniformes tradicionais, os jornalistas vestiram uma camisa verde com o escudo da Chapecoense e o símbolo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e durante o um minuto de silêncio em homenagem às vítimas alguns representantes da imprensa esportiva entraram junto com os jogadores das duas equipes. Em um dia de muitas homenagens, Galvão Bueno leu no maior jornal do Brasil, o Jornal Nacional, um texto em homenagem aos jornalistas

Todos nós sabemos como o esporte provoca emoção e paixão. Os atletas são e serão sempre os grandes protagonistas de tantas histórias inesquecíveis. São eles, os técnicos, os dirigentes, que fazem o espetáculo. Mas, quem leva a você a emoção que o futebol provoca são os jornalistas: das tevês, das rádios, dos jornais impressos e da internet. É absolutamente simbólico e muito triste que seja esse acidente a nos lembrar de forma tão explícita, tão doída, essa ligação.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uYIcbxPMzD4>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022

## 5. Considerações finais

O brasileiro que Nelson Rodrigues anunciou, promoveu e profetizou em tantas crônicas, aquele que respira o futebol e todas as suas emoções, um ser tão complexo, que torce, festeja e ri, mas também sente raiva, chora e se frustra durante a mesma partida, não parou de existir. Nem o seu complexo de vira-latas frente a países europeus ou aos Estados Unidos, seja em aspectos econômicos, sociais, políticos e é claro, o futebol. Porém, mais uma característica foi adicionada ao brasileiro, algo que Nelson não podia prever já que viu o Brasil ganhar três Copas do Mundo: o saudosismo.

Quem viu o Brasil ganhar jura que não teremos mais um jogador tão completo como Pelé, ou um Brasil que joga como a seleção de 1970 ou jogadores que fazem o que Romário e Ronaldo faziam com a bola no pé. Já torcedores mais novos, que viram o Brasil com uma seleção recheada de estrelas deixar a taça de 2006 escapar, os erros de 2010, a humilhação de 2014, o jogo controverso de 2018 e os preciosos 4 minutos restantes de jogo contra a Croácia se transformarem em um pesadelo, ainda sonham e acreditam que a nova geração está próxima de levantar a taça. O torcedor brasileiro ganhou mais uma camada na sua já enorme complexidade.

Porém, em novembro de 2016, a paixão nacional foi atingida e a pauta principal dos jornais esportivos foi a tragédia. A cobertura realizada por esses veículos foi extensa, alguns canais como o SporTV e a Fox Sports, e portais como o Globo Esporte, ficaram dias realizando matérias com correspondentes no local da tragédia. Correspondentes esses que foram cobrir a final da Sul-Americana. Naquela madrugada só um sentimento unia todos os brasileiros, os apaixonados ou não por futebol, a tristeza, e esse ser tão complexo nunca foi tão simples.

Para realização deste estudo foram levados em consideração, livros sobre jornalismo esportivo, o relatório final da CPI da Chapecoense realizado entre 2019 e 2022, e também notícias de jornais nacionais e internacionais sobre o acidente.

O objetivo principal desta monografia foi analisar como uma editoria, vista por muitos como menor, e que normalmente está acostumada a tratar de temas mais leves, se comporta diante de uma tragédia sem precedentes, que vitimou tanto os donos do espetáculo, os jogadores, como os que fazem ele acontecer, como os dirigentes do clube e profissionais da imprensa. Assim, utilizou-se de notícias que foram publicadas na primeira semana do acidente por jornais esportivos.

Primeiro buscamos entender o que é uma tragédia, o surgimento do jornalismo digital e a história do jornalismo esportivo. O acidente envolvendo o avião da Chapecoense pode ser considerado um acontecimento, segundo Jorge Rebelo, pois ele foi relevante, provocou uma ruptura na normalidade e nos estimulou a reconstruir essa normalidade que foi perturbada pela tragédia. Nesse caso, a construção da narrativa, que busca devolver sentido e restabelecer a normalidade, foi papel dos jornalistas esportivos.

Como foi visto, o jornalismo focado em futebol surge e tem sua evolução concomitantemente ao esporte. Dessa forma, os dois nascem do amadorismo e se atualizam e se adaptam ao profissionalismo juntos, abrindo portas para diversos setores da sociedade que sonham em trabalhar com o esporte do coração. O surgimento da internet e seus avanços possibilitaram uma nova forma de trabalho e com o jornalismo não seria diferente, fazer e consumir notícias ficou mais acessível.

As mídias sociais atualmente não são apenas uma forma de divulgar notícias de sites já consagrados como o Globoesporte e Lance!, hoje, as redes sociais permitem que muitos jornalistas entrem no mercado de trabalho, podendo migrar para os sites, canais, jornais ou rádios consagrados ou também continuar atuando de forma independente. Apesar de falarmos sobre os avanços tecnológicos e focarmos no jornalismo digital, é imprescindível falar que todos os meios de comunicação foram essenciais para o jornalismo que temos hoje.

As redes sociais possibilitam que as notícias sejam divulgadas para o mundo inteiro em grande velocidade, podemos perceber isso com as primeiras notícias sobre o desaparecimento e queda da aeronave que levava a equipe foram divulgadas pelas redes sociais do aeroporto de José María Córdova. Foi justamente pela acessibilidade que o jornalismo digital foi escolhido como objeto dessa pesquisa.

Depois de compreender os princípios de uma cobertura de tragédia, o trabalho visou analisar a cobertura da queda do avião da Chapecoense realizada por portais esportivos como o Globoesporte, Lance!, Placar, e a seção de esportes do Terra.

Diante da análise da evolução do jornalismo durante os anos e em diferentes veículos e das notícias veiculadas na época referentes ao acidente envolvendo o avião da Chapecoense, é possível concluir que a forma de se fazer jornalismo e os jornalistas mudam e se desenvolvem junto com a evolução da tecnologia, e também que apesar de jornalistas se especializarem em temas diferentes e trabalharem em editorias distintas, os profissionais de jornalismo têm a mesma formação. Portanto, ao se deparar com uma tragédia, eles estão preparados para conduzir uma cobertura jornalística com a qualidade técnica e a ética necessárias.

## 6. Referências bibliográficas

ALEXANDRINO, Alan. **Aos que contaram as histórias: A imprensa na maior tragédia do jornalismo brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Editora terceiro nome, 2007.

AMARAL, Márcia Franz. **Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais**. Anais do XX Encontro Anual da Compós. UFRGS: Porto Alegre, 2011. Cdrom. Disponível em: <https://jornalismoemeioambiente.files.wordpress.com/2011/06/marcia-amaral-os-testemunhos-na-cobertura.pdf>

ANTONIOLI, Maria Elizabeth e JUNIOR, Enio Moraes. Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online. In: **Revista USP**. v. 14 n. 2 (2016): Jornalismo Popular e Alternativo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436/118330>. Acesso em: Setembro, 2022.

BOTAFOGO, F. R. **Guilherme Marques e Guilherme Van Der Laars serão eternizados no Estádio Nilton Santos: darão nome a cabines de imprensa. Justa Homenagem!** Rio de Janeiro, 1 dez. 2016. Twitter: @Botafogo. Disponível: <https://twitter.com/botafogo/status/804356465037365248>. Acesso em: 19 outubro. 2022.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COUTINHO, Iluska e MATA, Jhonatan. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias e o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em jornalismo e mídia**, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/314448820\\_A\\_atuacao\\_do\\_reporter\\_na\\_cobertura\\_televisiva\\_de\\_tragedias\\_o\\_olhar\\_do\\_Jornalista\\_como\\_testemunha\\_do\\_fato\\_que\\_enuncia](https://www.researchgate.net/publication/314448820_A_atuacao_do_reporter_na_cobertura_televisiva_de_tragedias_o_olhar_do_Jornalista_como_testemunha_do_fato_que_enuncia)

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. edição. São Paulo: Contexto, 2010.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória**. Modelos do Jornalismo Digital. Salvador: Editora Calandra, 2003.

REBELO, José. Os acontecimentos mediáticos como actos de palavra. **Revista Científica de Información y Comunicación Número 3**, (2006), Sevilla. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51396444.pdf>

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1.ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2019.

ROCHA, Alexandra Marla Marques. Afinal, o que é tragédia?. **Revista de Estudos Helênicos da UERJ no. 3**. UERJ: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ellinikovlemma/article/view/33683>

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria em chuteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVA, G.; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **RuMoRes, [S. l.]**, v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>. Acesso em: 28 jul. 2023.

TORRES, Alexsandro de Oliveira; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. **Análise multimodal da morte dos jornalistas na cobertura da tragédia da Chapecoense nos sites da RBS TV e do**

**Foxsports.com.br.** Intexto, Porto Alegre, n. 53, e-109221, jan./dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202253.109221>

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico: redação, reportagem e produção.** 4a. Ed. São Paulo: Roca, 2008.

### **Documentos**

SENADO FEDERAL. **CPI Da Chapecoense.** Brasília, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2022/07/relatorio-final-cpi-do-acidente-da-chapecoense-e-aprovado>